



MEMBRO HONORÁRIO
DA ORDEM DA LIBERDADE

REVISTA DA SPA
SOCIEDADE
PORTUGUESA
DE AUTORES

N.º 55
Julho/Setembro
de 2018



Presidente da SPA
anuncia candidatura
a terceiro e último
mandato possível em
Novembro próximo



Parlamento
Europeu
aprova
direitos
de autor
no âmbito
do mercado
único digital



Carlos Fiolhais
e José Eduardo
Franco
galardoados
com primeira
edição
do Prémio
Mariano Gago

A consagração da liberdade dos criadores



Dia do Autor Português
na SPA distingue
Pacheco Pereira
entre os melhores

DESCOMPLIQUE

SOLUÇÕES ONLINE DE CRÉDITO PESSOAL
É NUM MILLENNIUM À FRENTE

MILLENNIUM. AQUI CONSIGO.



PROPRIEDADE

Sociedade Portuguesa
de Autores.

Av. Duque de Loulé, 31,
1069-153 Lisboa

Telf. 21 359 44 00

Fax. 21 353 02 57

NIF 500257841

E-mail geral@spautores.pt

DIRECTOR

José Jorge Letria

DIRECÇÃO EXECUTIVA**E COORDENAÇÃO**

José Jorge Letria

EDITORIA

Edite Esteves

edite.esteves@spautores.pt

TEXTOS

Administração

e Direcção da SPA,

António-Pedro Vasconcelos,

Edite Esteves (EE),

Eduardo Ferro Rodrigues

e José Jorge Letria

FOTOGRAFIA

Alfredo António,

D.R., Fernando Dinis

e Inácio Ludgero

DESIGN

João Pedro Mota/Público

PRODUÇÃO

Público,

Comunicação Social, SA

PERIODICIDADE

Trimestral

Esta publicação

é de distribuição

gratuita com o jornal

PÚBLICO e não pode

ser vendida separadamente.

Os textos desta edição

da revista AUTORES

não obedecem ao

Acordo Ortográfico

Entrevista

- 04** José Jorge Letria
candidata-se a terceiro
e último mandato
possível no acto eleitoral
da SPA em Novembro:
"Os autores portugueses
ficam melhor servidos
com uma equipa que
aprofunde e consolide
o bom trabalho
realizado até agora"

Notícias

- 10** Atendimento recebe meia
centena mensal de novos
criadores

Lusofonia

- 11** SPA com grande destaque
no Comité Africano da
CISAC na capital da
Costa do Marfim

Internacional

- 13** Parlamento Europeu aprova
direitos de autor no âmbito
do mercado único digital

Gala SPA/RTP

- 14** Dia do Autor Português
na SPA consagra liberdade
dos criadores e distingue
os melhores entre os melhores,
atribuindo pela primeira vez
o Prémio José Mariano Gago
para o melhor livro de
divulgação científica

Obituário

- 25** Júlio Pomar,
António Arnaut,
Albano Martins,
Filipe Mendes
(Phil Mendrix),
Altino do Tojal e
António Loja Neves

SPA defende princípios de fundo e prepara novas eleições

A SPA, cujo presidente ocupa uma das três vice-presidências do GESAC em Bruxelas, desempenhou um papel muito activo no intenso debate que envolveu a preparação da votação de 12 de Setembro no Parlamento Europeu, tentando assegurar que o voto dos eurodeputados portugueses e dos outros países iria representar o reforço dos interesses dos autores e das sociedades que os representam num confronto jurídico e político que sempre teve do outro lado as poderosas multinacionais da esfera digital, apoiantes sem escrúpulos dos chamados "partidos piratas".

Foi um processo em que, através de comunicados e da participação em debates, a SPA deixou bem clara a posição portuguesa, tentando fortalecer a justeza da posição dos autores, sempre reforçada pelas tomadas de posição internacionais de Paul McCartney, Jean-Michel Jarre, Pedro Almodóvar, Míkis Teodorákis e outros. Este processo pôs em evidência o momento difícil que a Europa enfrenta, cada vez mais dividida e menos solidária em torno do que é essencial. Tudo leva a crer que as eleições de 2019 para o Parlamento Europeu irão agudizar ainda mais esta situação que poderá ter consequências muito graves para o futuro político deste continente. O presidente da SPA tem repetidamente sublinhado esse risco e a urgência de se tomarem posições de unidade e convergência, que a realidade política tornou inadiáveis.

Entretanto, a SPA prepara o acto eleitoral que em Novembro próximo lhe permitirá escolher os corpos sociais para o próximo quadriénio, em nome dos princípios que a têm orientado.

José Jorge Letria anunciou a intenção de cumprir aquele que será o último mandato que aos Estatutos da cooperativa lhe permitem realizar. Irá apresentar uma lista com mais mulheres e mais representantes do Poito. Será, como tem sido habitual nos últimos anos, uma lista de unidade e de convergência estratégica que será fortalecida com a criação de um Conselho Consultivo a divulgar em breve e com medidas estratégicas que permitirão continuar a exigir ao poder político as medidas justas para os criadores culturais, para os artistas e para a cultura.

A SPA afirma que este processo exige firmeza, determinação e unidade que só a equipa agora proposta estará em condições de garantir. Por fim, a SPA assegura e reforça o compromisso de levar por diante o projecto de cooperação lusófona já em boa parte cumprido e consolidado e que é apresentado como referência e com aplauso pelas estruturas internacionais do direito de autor, com destaque especial para a CISAC.

—
A Direcção e o Conselho
de Administração,
Setembro de 2018

a nossa
casa

a nossa
causa

Há quase oito anos nestas funções, o presidente da Direcção e do Conselho de Administração da Sociedade Portuguesa de Autores, José Jorge Letria, vai candidatar-se ao seu terceiro e último mandato possível no acto eleitoral que decorrerá na SPA em Novembro próximo



© Fernando Dinis

JOSÉ JORGE LETRIA CANDIDATA-SE A TERCEIRO E ÚLTIMO MANDATO POSSÍVEL NA SPA

“Os autores portugueses ficam melhor servidos com uma equipa que aprofunde e consolide o bom trabalho feito até agora”

Em Novembro haverá, segundo o que determinam os estatutos da SPA, um acto eleitoral que permitirá escolher a equipa que vai governar e gerir a cooperativa dos autores portugueses nos próximos quatro anos. Sem prejuízo da vontade ou da intenção que alguém possa ter de constituir alternativa, o presidente da Direcção e do Conselho de Administração da Sociedade Portuguesa de Autores, nestas funções quase há oito anos, prepara-se para encabeçar a única lista conhecida até ao momento.

Confiante, José Jorge Letria considera que a equipa que está a constituir, resultante do trabalho feito até agora e suficientemente renovada em 25%, conforme mandam os estatutos, é o garante da sua continuidade nos moldes mais aceitáveis. Este é o terceiro e último mandato possível de José Jorge Letria à frente de uma instituição que ajudou a crescer exponencialmente, a modernizar-se e a tornar-se numa referência a nível nacional e internacional, com o único objectivo de valorizar e defender com toda a dignidade e justiça o colectivo dos mais de 26 mil autores que esta que é a sua casa e a sua causa representa.

Apesar de achar que se aproxima o tempo em que é preciso dar lugar aos mais novos, o presidente da SPA confiou à AUTORES as razões que o levaram a candidatar-se uma vez mais à liderança desta sua casa:

“Porque me sinto com energia, com saúde e com vontade para assumir essa responsabilidade e esse desafio, porque não encontro à minha volta e na minha proximidade pessoa que reúna as características que eu considero serem necessárias e essenciais para desempenhar essa função e também porque penso que, nos próximos quatro anos, as transformações que se estão a operar na Europa, particularmente, e neste mundo tão incerto, tão pouco solidário e frequentemente tão desnoiteante exigem que quem vier a assumir essas funções e responsabilidades já tenha experiência acumulada dos anos anteriores para saber quem é quem, quem são os interlocutores certos, quem são os parceiros certos e quais são as estratégias correctas para poder enfrentar o futuro.”

Por outro lado, só se candidata à presidência da SPA por mais quatro anos, porque é o último mandato que os estatutos lhe permitem cumprir. Os estatutos em vigor determinam, também por sua

vontade, que ninguém pode fazer mais de três mandatos. “Portanto, eu tenho dois mandatos (o segundo ainda a ser cumprido) e só posso fazer mais um e é o que irei fazer, sem nenhum dramatismo.”

CRIAÇÃO DE UMA EQUIPA RENOVADA

Também por imperativo estatutário, José Jorge Letria é obrigado a mudar 25% dos corpos sociais na criação da nova lista candidata às próximas eleições.

“As equipas não podem continuar sempre as mesmas – justifica –, é preciso renová-las, é preciso refrescá-las, é preciso rejuvenescê-las. Portanto, chegou a altura desta sofrer também as alterações que o tempo, a vida e a própria dinâmica empresarial desta cooperativa impõem.”

Assim, segundo disse, “irão surgir nomes novos e outros irão continuar por razões várias, que se prendem, por exemplo, com a sua representatividade, a sua competência e o seu desejo de intervirem regularmente na vida da cooperativa”.

José Jorge Letria afirma que “foram ponderados os naturais factores de desgaste destas funções e assim foi criada a renovação possível e desejável”.

**“As equipas não
podem continuar
sempre as mesmas.
É preciso
renová-las,
refrescá-las,
é preciso
rejuvenescê-las”**

Como exemplo de autores com grande notoriedade nacional e internacional com quem trabalhou nos corpos sociais nos dois últimos mandatos e que muito se empenharam neste esforço colectivo, o actual presidente destacou o pintor e escultor José de Guimarães, que agora cessa funções, e o compositor, pianista, mæstro e também escritor António Victorino d’Almeida, que continua.

Outros nomes a destacar foram os do presidente da Mesa da Assembleia-Ge-

ral, Rui Vieira Nery, e de Pedro Abrunhosa, presidente do Conselho Fiscal, o qual, garantiu, “é uma das pessoas com que conto concluir o meu último mandato nesta casa”.

Sem querer agora adiantar outros nomes, José Jorge Letria acrescentou que “as pessoas, de uma forma geral corresponderam às expectativas e à exigência da cooperativa”. “Estiveram presentes, foram solidárias nos momentos fundamentais, trouxeram ideias, propostas, sugestões, contributos muito baseados na confiança na equipa e em mim, que é um aspecto que eu não esqueço, e por isso eu irei ter o gosto de continuar a contar com aqueles que reúnam, do meu ponto de vista, as condições para continuarem a integrar esta equipa.”

Inscrito na SPA em 1969 como autor que nunca deixou de ser e passando a cooperador com o n.º 404 em 1974, José Jorge Letria, apesar de não saber ainda se irá existir outra lista concorrente, considera que “este colectivo de autores, que são mais de 26 mil de todas as disciplinas, de todas as origens geográficas, de todas as idades, fica melhor servido com uma equipa que represente a continuidade do trabalho feito até agora, que represente o aprofundamento da experiência e do trabalho desenvolvido e que represente um estimulante nível de diálogo com as comunidades - comunidades associativas, autárquicas, escolares -, papel que tem sido muito bem desempenhado pelas nossas delegações e pela estrutura que está na primeira linha da cobrança em todo o país, desde Braga até às Regiões Autónomas. Há outros sectores de grande importância”.

“Portanto, sem prejuízo da vontade ou da intenção que alguém possa ter de constituir alternativa – sustenta –, eu considero que é uma equipa resultante do trabalho feito até agora e suficientemente renovada que garante que o trabalho feito vai ter continuidade e vai ser cumprido nos moldes mais aceitáveis.”

MODERNIZAÇÃO E PRESTÍGIO INTERNACIONAL

Referindo o intenso trabalho feito ao longo dos dois últimos mandatos em que liderou a cooperativa dos autores portugueses, o presidente da SPA relevou de uma forma genérica “uma significativa modernização desta casa em vários do-

No dia 1 de Dezembro de 2016, no Palácio de Belém, o Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, entregou à Sociedade Portuguesa de Autores na pessoa do seu presidente, José Jorge Letria, as insígnias da Ordem da Liberdade, de que a SPA passou a ser membro honorário



mínios”, nomeadamente no plano da gestão financeira, da modernização informática e dos mecanismos de distribuição rigorosos dos direitos de autor duas vezes por ano, em Junho e em Dezembro.

Na linha de um melhoramento das condições de sustentabilidade e renovação da instituição, foram valorizados novos quadros a quem foram atribuídas responsabilidades adicionais, e dispensados outros que, do ponto de vista dos seus responsáveis, já não reuniam as condições necessárias para continuarem em funções e auferirem salários demasiados altos, levando em consideração os constrangimentos impostos pela crise que se agravou substancialmente em 2011, 2012 e 2013.

Um dos actos mais importantes que a equipa de José Jorge Letria conseguiu nestes últimos oito anos, segundo assegurou, foi a pacificação interna da instituição. Esse é um facto que todos reconhecem e aplaudem.

“Por outro lado – sublinhou - considero que, globalmente, estes oito anos e, particularmente estes últimos quatro, coincidem com o acentuado reforço do prestígio internacional da SPA.” Centrado especialmente no forte dinamismo da sua representatividade como presidente da SPA, este prestígio pode sintetizar-se da seguinte maneira: desde 2005, passou a integrar



Mário Soares foi a personalidade eleita em 2012 pela SPA para ser distinguida com o Prémio Vida e Obra na Gala anual da cooperativa, que decorreu no CCB, no dia 27 de Fevereiro, apresentada por Catarina Furtado

O presidente da SPA, que é também vice-presidente do Grupo Europeu de Sociedades de Autores (GESAC), junto de Eric Baptiste, presidente do Conselho de Administração da CISAC, a seu lado, e de Gadi Oron, director-geral daquela entidade

a Writers and Directors Worldwide – uma estrutura a nível mundial que congrega as áreas criativas que não têm a ver com a música – o audiovisual, a tradução, o teatro, a própria edição -, a cuja Direcção pertenceu até ao final do ano passado (2017); integrou, durante mais de quatro anos, a Direcção do Grupo Europeu de Sociedades de Autores e Compositores (GESAC) com sede em Bruxelas; depois foi eleito em Viena de Áustria, por um período de quatro anos, presidente do Comité Europeu de Sociedades de Autores e Compositores da Confederação Internacional de Sociedades de Autores e Compositores (CISAC) com mandato renovado em Sófia e concluído já este ano (2018) em Abril, em Belgrado. Entretanto, foi eleito para a Vice-Presidência do Grupo Europeu de Sociedades de Autores e Compositores (GESAC), juntamente com os CEO da SACEM de França, Jean-Noël Tronc, e Robert Ashcroft, da PRS do Reino Unido. “Esta é a responsabilidade que tenho sobre mim neste momento e que espero continuar a assumir com disponibilidade e com competência nos próximos três anos, que é o tempo do meu mandato”, referiu. “Vai ser um combate muito exigente.”

Também no plano internacional, a SPA lançou, no final de 2014, um amplo e ambicioso projecto de cooperação no quadro da Lusofonia, com as sociedades de autores de países de língua portuguesa, de Timor-Leste a Angola, de Cabo Verde a Moçambique, passando por São Tomé e Guiné, “desejando nós que estes países, sobretudo Guiné e São Tomé, tenham condições reunidas para desempenhar as funções que as sociedades de autores devem desempenhar nos países livres e soberanos”.

E, no princípio de Outubro de 2016, no Rio de Janeiro, a SPA lançou um Manifesto de Proclamação e Valorização do Papel da Língua Portuguesa como instrumento e plataforma de comunicação, diálogo e cooperação entre as sociedades lusófonas. Esse manifesto foi assinado no Rio pelas sete sociedades brasileiras, acentuando o facto de, entre essas sete sociedades, haver algumas que nem sequer têm diálogo entre si e que aceitaram juntar-se à SPA e em nome deste objectivo comum para valorizarem o seu trabalho.

Criticando severamente o que se passa, por exemplo, com os refugiados e com

Durante os trabalhos da Assembleia-Geral da Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores, no dia 8 de Junho 2016, em Lisboa, José Jorge Letria, na dupla condição de presidente da SPA e do Comité Europeu de Autores da CISAC, distinguiu o presidente da CISAC, Jean-Michel Jarre, com a Medalha de Honra da SPA

as migrações, que considera ser apenas um sinal da desorientação e do endurecimento político, ideológico e social desta Europa, José Jorge Letria defende, consciente da complexidade da situação, uma Europa que tem orgulho em lançar pontes, plataformas e diálogos de cooperação com outros países diversos e totalmente diferentes do nosso, “sempre com espírito de abertura e de procura de pontos de convergência e de trabalho comum sem obediência a nenhuma tutela que nos seja imposta por sociedades mais ricas que queiram chamar a si o colectivo de outras sociedades, até de outros continentes, nomeadamente, o africano.”

“Nós encaramos as relações com as sociedades lusófonas de uma forma totalmente democrática, livre, serena, construtiva e nunca nos passaria pela cabeça considerar que África não tem capacidade para gerir os direitos e os autores que representa através das suas sociedades”, asseverou. “Não admitimos que haja cooperação entre sociedades que não se baseie nas parcerias equilibradas, justas e estratégicas e que não tenha obediência passiva a nenhuma forma de tutela imposta por sociedades que se consideram ricas e querem impor as suas razões.”

APOIO À CRIAÇÃO E DIFUSÃO DAS OBRAS AUTORAIS

Tendo como um dos objectivos fundamentais para os próximos anos, a continuação do aumento constante das co-branças, José Jorge Letria é peremptório ao enfatizar:

“Temos que manter todas as condições, meios e instrumentos que nos permitam estabilizar financeiramente esta sociedade para que quem vier a dirigi-la daqui a quatro anos e pouco, quando eu e a equipa que eu formar abandonarmos de vez esta casa tenha condições para mantermos este património nacional de cultura, de arte, de sociedade e de valorização do cooperativismo, tenha condições para continuar a trabalhar bem, difundindo e valorizando a cultura e os seus criadores.”

“Espero, sinceramente – acentuou - que a equipa que vier a assumir essas novas responsabilidades daqui a quatro anos e pouco, em Novembro de 2022, tenha todas as condições reunidas, vontade, energia, saúde, visão estratégica, discurs-



“Dirigir esta casa não pode ser um capricho de um artista ou de um autor. Tem que ser uma etapa fundamental do seu caminho, sempre em defesa dos autores e da cultura, da sua difusão e da sua dignificação”

sos adequados, que tenha as palavras, as ideias certas e as medidas certas, porque dirigir esta casa não pode ser um capricho e um episódio ou um pequeno capítulo de uma biografia individual de uma artista ou de um autor. Tem que ser uma etapa fundamental da sua vida, do seu caminho, sempre em nome dos outros, em defesa dos autores e em defesa da cultura, da sua difusão e da sua dignificação.”

Outro aspecto que considera absolutamente essencial é a SPA ter as condições financeiras para garantir a sustentabilidade e até o reforço dos mecanismos de apoio e solidariedade que tem em vigor, designadamente a manutenção do subsídio estatutário, do subsídio de emergência para quem precisar, e, através da Gestão da Cópia Privada, da estabilidade do Fundo Cultural que permite apoiar todos os anos largas dezenas de projectos que só existem porque a cooperativa dos autores os subvenciona e promove.

“Ficámos com este problema resolvido pelo Governo anterior, apesar da resistência do então Presidente da República, Cavaco Silva, facto que eu também não esqueço, e queremos garantir condições de estabilidade financeira, económica, de crescimento, de desenvolvimento, sem mexermos na estrutura que temos e que nos caracteriza, porque é assim que o futuro vai ser garantido e nós nos vamos manter.”

O presidente da SPA distingue ainda o facto da instituição querer continuar a ter condições para cumprir outros dois grandes objectivos que têm vindo a ser cumpridos com um considerável êxito: fazer e patrocinar edições de muita qualidade, como por exemplo, a colecção Fio da Memória... de parceria com a Editora Guerra & Paz e manter o diálogo com as estações de televisão e rádio “para po-



dermos ter programas que continuam a ser únicos e absolutamente exemplares no quadro mundial das sociedades de autores”, relevou em continuidade assegurada e fortalecida, realçando o programa “Autores” da TVI, a Gala anual em parceria com a RTP e o CCB e o “Notas de Autor” da TSF.

“A Gala é muito importante, pois é o momento em que a SPA entrega cerca de 30 prémios anuais para todas as disciplinas e áreas de criação e também torna pública a sua palavra e a sua opinião sobre aquilo que acontece em Portugal e no mundo em matéria de gestão colectiva de direito de autor”, evidenciou, lembrando que, além de “um dos melhores espectáculos anuais televisivos feitos neste país, a Gala confirma a SPA também como a entidade que mais prémios atribui anualmente em todas as disciplinas”.

É bom lembrar que para além dos prémios que a SPA atribui na Gala anual, também atribui todos os anos os prémios no Dia do Autor Português, a começar pelo Prémio de Consagração de Carreira e ainda, com o patrocínio do Millennium-bcp, o Prémio Pedro Osório, o primeiro a ser criado, o Prémio Igrejas Cæiro para o melhor nome de rádio de anos anteriores, e também o Prémio José da Ponte para os novos criadores musicais. Para além disso, passou a atribuir, anualmente, o Prémio para o Melhor Jornalismo

O Rio de Janeiro foi palco, no dia 30 de Setembro de 2016, de um momento histórico para a língua portuguesa: ali foi assinado em conjunto um manifesto, preparado pela SPA, que une as sete sociedades de autores brasileiras e a portuguesa, no âmbito do reforço do valor estratégico da cooperação lusófona

Cultural, que, salienta o presidente da cooperativa, “nos tem permitido fazer justiça a pessoas de muita qualidade que fazem da comunicação social um veículo fundamental de difusão de notícias, de reportagens e de entrevistas sobre a actividade dos criadores”.

“Para nós é muito importante que isto aconteça e eu tudo farei, enquanto durar o mandato a que me vou candidatar em Novembro deste ano, para que estejam asseguradas as condições financeiras e organizativas indispensáveis para podermos continuar a fazer aquilo que fazemos em defesa dos autores e o apoio à criação e difusão essencial das suas obras.”

DIÁLOGO MAIS PRODUTIVO COM O PODER POLÍTICO

Este novo mandato que José Jorge Letria espera ter a honra de realizar eleito pelos seus pares autorais deverá caracterizar-se, segundo o candidato, por “um diálogo mais produtivo e mais estimulante com o poder político”. “Temos um ministro que, apesar de também ser autor com obra publicada, do meu ponto de vista e dos corpos sociais da SPA, não reúne as condições adequadas para reorganizar um sector fundamental”, declara, explicando que o que é feito em Portugal em termos de estruturas ligadas à cultura e às artes “é pobre e, por vezes, deprimente”. E afirma com tristeza que “este Governo tem vindo a falhar no domínio da gestão da vida cultural, porque acreditávamos que iria ser melhor. Enganámos-nos.”

Por outro lado, adianta que “o nível de diálogo da SPA com o Parlamento tem

Convidado especial na Gala SPA/RTP 2018, realizada no Centro Cultural de Belém, a 20 de Março, o Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, saúda o cientista e autor de renome internacional António Damásio, galardoado com o Prémio Vida e Obra, com o aplauso do anfitrião da sessão, José Jorge Letria



sido de muito baixo nível e de manifesta insuficiência, por culpa que não é da SPA”. E frisa: “O Grupo Parlamentar do Partido Socialista em relação à cultura tem sido, na relação com a SPA, de uma chocante ineficácia.”

Na ocasião em que deu esta entrevista, a 19 de Junho assado, disse que a SPA ainda está a negociar a Lei da Gestão Colectiva, sendo que – sobressaiu -, “devido à iniciativa corajosa, frontal e empenhada da SPA travámos a vigência dessa lei, que foi feita nas costas dos autores portugueses e da SPA e no caso de avançar, nos causaria um prejuízo incalculável, permitindo a equiparação a autores e a membros da SPA a pessoas que nada têm a ver com a autoria e com o mundo legitimado da autoria, que é ser membro da SPA e ser cooperador da SPA”.

Por último, o presidente da SPA manifestou o seu interesse em que as condições financeiras desta casa lhe permitam continuar a ser uma empresa cooperativa absolutamente exemplar no apoio dado aos trabalhadores. “Somos cooperativa há 93 anos com mais de 26 mil associados de todas as disciplinas e categorias e com uma média de ingresso de novos autores em cada reunião de Direcção (em cada mês que passa) que ronda os 30, 35, 40”, disse, para evidenciar: “Isto quer dizer que há cada vez mais autores de todas as disciplinas, idades e origens

“Uma preocupação constante, marcada e marcante da SPA é atrair novos autores, cada vez mais novos autores”

geográficas que percebem que a SPA é a sua casa, a sua causa, a instituição que os protege e que os representa e, por isso, é aqui que se sentem bem, é para aqui que vêm e é a eles que devemos prestar contas e é a eles que devemos apoiar e é por eles que devemos ser apoiados.”

Nos anos que se irão seguir, as características estruturais e dominantes desta casa deverão manter-se, segundo José Jorge Letria. “Os dois auditórios dos dois edifícios em Lisboa deverão estar, como até aqui, permanentemente animados, temos edições permanentemente a circular e a chegar a muitos lugares e iremos manter o essencial desta casa do ponto de vista patrimonial, do ponto de vista das iniciativas, com uma preocupação cons-

tante, marcada e marcante: atrair novos autores, cada vez mais novos autores.”

Apesar do esforço para encontrar novos autores com as características necessárias para poderem suceder com responsabilidade daqui a quatro anos e pouco aos que forem eleitos nas próximas eleições de Novembro, José Jorge Letria manifesta as suas dúvidas: “Tomara eu poder dizer que já encontrarei um lote de cinco, seis, dez pessoas com qualidades suficientes para daqui a quatro anos virem a constituir, com disponibilidade e empenho, a equipa de gestão executiva desta casa. Infelizmente, aquilo que tenho observado – e conheço suficientemente bem o universo dos autores em Portugal dos que são membros da SPA para o poder afirmar – não encontro ainda alternativas à equipa que nós somos e àquilo que queremos fazer. Mas vamos trabalhar bem, com empenho e criatividade.”

No entanto, mantém a esperança de que os autores de maior talento em Portugal que estão na SPA nas diversas áreas culturais, “em 2022, hão-de começar a trabalhar para encontrar as pessoas certas para formarem uma equipa que levará este projecto por diante ainda na década de 20 e nas décadas seguintes, porque esta casa é para durar, se tiver saúde, força, vitalidade e energia também no plano financeiro e da responsabilidade social”.

“Portugal com uma SPA enfraquecida e fragilizada torna-se um Portugal mais pobre.”

A finalizar esta entrevista, José Jorge Letria anunciou à AUTORES uma novidade, que irá caracterizar o próximo mandato, seja ele o que for e com quem for, que é a criação de um Conselho Consultivo com visão estratégica, que o dinâmico e criativo presidente da SPA espera venha a integrar alguns dos grandes nomes da cultura portuguesa de diversas áreas, da música ao audiovisual, do teatro às artes visuais, sendo que uma parte desses nomes já está confirmada. “Um grupo de pessoas, sem função executiva, que nos ajude a pensar bem o que estamos a fazer, o que devemos fazer e os caminhos que devemos seguir para que tudo corra como nós merecemos que aconteça, não só para bem de quem aqui está, mas para bem dos autores portugueses e da comunidade que eles representam connosco”, realçou.

SPA REFORÇA ACOMPANHAMENTO JURÍDICO AOS AUTORES

Analizados no primeiro trimestre de 2018 153 contratos de todas as áreas criativas

O Departamento Jurídico da SPA continua a reforçar a sua presença junto dos autores, nomeadamente, através do crescente apoio e acompanhamento às questões decorrentes da sua vida profissional. Deste modo, para além do funcionamento em articulação com as áreas internas da cooperativa, “o Departamento Jurídico analisou, no primeiro trimestre de 2018, 153 contratos realizados por autores de todas as áreas da criação”, segundo informa um comunicado do Conselho de Administração, emitido a 12 de Junho. Este

facto – acrescenta a nota – “confirma a tendência, já observada em anos anteriores, após a grave crise económica e social que atingiu o país, de aumento da actividade dos criadores, pondo também em evidência uma positiva resposta dos serviços da SPA face aos números, cada vez mais expressivos, de adesão de novos autores à cooperativa”.

Os administradores da SPA especificam que “a SPA esteve presente em 32 julgamentos, durante o mesmo período, obtendo ganho de causa em importantes decisões judiciais, designadamente, na área da comunicação pública”, onde, presentemente - acrescentam – “se verifica uma melhoria generalizada do cumprimento das obrigações de pagamento por parte dos estabelecimentos comerciais à SPA e aos autores”.

“O total de processos jurídicos em curso era na ocasião de 1547”, ficando a dever-se o decréscimo nesta área, em grande medida, ao “esforço sustentado de redução da litigância levado a cabo nos últimos anos”, justifica a Administração da cooperativa.

Por outro lado, “o número de processos de penhora sobre rendimentos”, aqui já muitas vezes focado, “também diminuiu face aos anos da crise, deixando antever



A modernizada sala do Atendimento da SPA

uma ligeira melhoria da situação económica e financeira dos autores”. Para esta realidade contribuiu decisivamente o facto de não mais poderem existir penhoras sobre a totalidade dos créditos, conforme oportunamente noticiámos, passando os autores a dispor, em qualquer caso, de parte dos seus rendimentos. “A cooperativa alcançou esse justo objectivo após longas negociações com anteriores governos”, salienta a nota da SPA.

Por fim, refere o comunicado, “foram cobrados pelo Departamento Jurídico, na sua missão de recuperação de créditos, e durante o mesmo período de 2018, 130.563 euros”, sublinhando que, “ao mesmo tempo, se manteve uma rigorosa política de contenção de custos operacionais e de progressiva redução de dependência de escritórios externos”.

ATENDIMENTO RECEBE MEIA CENTENA MENSAL DE NOVOS CRIADORES

No seguimento das inovações introduzidas nas áreas de acompanhamento aos autores, de que foram exemplos, entre outras medidas, o alargamento do horário de atendimento, a introdução de senhas electrónicas ou o acesso *online* às

contas, a SPA continua a registar um positivo reforço na qualidade de resposta deste serviço.

Deste modo, e com o aprofundamento de novas formas de organização, foi possível continuar a melhorar a capacidade de fazer face às necessidades sempre crescentes dos autores e da cooperativa. Num comunicado divulgado no dia 12 de Julho, a Administração informou que, “no primeiro semestre de 2018, os serviços de atendimento receberam presencialmente 1801 autores” e que “a média diária de atendimentos, nomeadamente nos períodos

imediatos às épocas de distribuição, foi de 50 presenças”. E adianta que “foram enviados 7517 *emails*, entre outras trocas de correspondência, e recebidas 6013 chamadas telefónicas”, os quais – acentua – “permitem uma redução decisiva do esforço presencial, a par de todas as restantes operações e rotinas administrativas próprias daquele departamento”.

O comunicado do Conselho de Administração da SPA salienta, a este propósito, que “a SPA continua a constatar a existência um aumento significativo do número de inscrições mensais de autores na cooperativa, em todas as áreas da criação”, tendo recebido, “em média, um número próximo da meia centena mensal de criadores”.

Também a aposta nos meios tecnológicos prossegue, como forma de reduzir as presenças no espaço do atendimento, o que exigiria reforço dos recursos humanos e materiais com consequente aumento dos encargos. “Assim – assinala a nota –, o desenvolvimento dos meios electrónicos permitirá uma maior celeridade das interacções entre os autores e a cooperativa, libertando aquele serviço para um acompanhamento cada vez mais personalizado na dimensão presencial.”

RECONHECIMENTO O TRABALHO "EXEMPLAR"
DESENVOLVIDO NO ÂMBITO DO PROJECTO LUSÓFONO

SPA com grande destaque no Comité Africano da CISAC na Costa do Marfim

A SPA participou no Comité Africano da CISAC (Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores), que decorreu na capital da Costa do Marfim, Abidjain, entre os dias 22 e 25 de Julho passado e que contou com a presença de 51 participantes de 29 sociedades de autores, originárias de 27 países africanos e de um país europeu (Portugal). Estiveram presentes ao longo dos trabalhos, o director-geral da CISAC, Gadi Oron, a representante da OMPI, Carole Streul, assim como representantes de outras organizações internacionais com intervenção em África (ARIPO, OAPI, PACSA).

De acordo com uma nota emitida a 27 de Julho pelo Conselho de Administração da SPA, "é a primeira vez que apenas uma sociedade de autores europeia é convidada para estar presente e essa honra coube à cooperativa dos autores portugueses como reconhecimento pelo trabalho que tem vindo a ser desenvolvido no âmbito do projecto lusófono, de forma considerada exemplar".

A SPA esteve representada pela administradora Paula Cunha que, para além de diversas intervenções durante os trabalhos do Comité Africano, também participou numa acção de formação organizada pela Organização Mundial da Propriedade Intelectual (OMPI), na qual efectuou uma comunicação sobre a gestão multiterritorial do digital.

Os trabalhos foram oficialmente inaugurados numa sessão que decorreu no palácio do Governador de Abidjan e que foi precedida de uma reunião de cortesia com o ministro da Cultura e da Franco-

fonía da Costa do Marfim e com o ministro da Cultura, das Artes e do Turismo do Burkina Faso. No encerramento do Comité Africano, "a SPA apresentou um vídeo com a síntese do trabalho desenvolvido até ao momento sobre o projecto lusófono que, de forma emotiva, mereceu um forte aplauso generalizado e que será divulgado, a pedido do director-geral da CISAC, no site e nas redes sociais desta confederação mundial e das outras sociedades de autores presentes".

Entre outros assuntos tratados à margem deste evento pela representante da SPA, "ficou acordada a celebração de um protocolo de cooperação entre a SPA e a ONDA (sociedade de autores da Argélia e membro da Direcção da CISAC)". "Este acordo, a ser assinado ainda este ano, vai permitir efectuar intercâmbios culturais entre ambos os países, designadamente a organização de um festival lusófono em Argel e de outra iniciativa semelhante em Lisboa com autores e artistas argelinos", especifica a nota da SPA.

Foi igualmente acordado que "a CISAC irá financiar uma acção de formação a ocorrer em Lisboa, em Novembro, organizada pela SPA para os países lusófonos, designadamente Cabo Verde, Angola, Guiné-Bissau e Moçambique".

Na eleição para o novo Comité Executivo, obrigatória nos termos dos respectivos estatutos, foram eleitas as sociedades de autores da África do Sul, do Burkina-Faso, do Congo, de Marrocos, de Madagáscar e do Uganda. Para a presidência do Comité Africano foi eleita a sociedade de autores da África do Sul - SAMRO.

Directora-geral adjunta da OMPI visita Lisboa e aplaude investimento na cooperação lusófona

A directora-geral adjunta da Organização Mundial da Propriedade Intelectual, a diplomata Sylvie Forbin, esteve em Lisboa no dia 7 de Junho, com o apoio e acompanhamento da SPA para vários actos e reuniões, tendo sido recebida pelo ministro da Cultura, reunido com a Direcção do Instituto Camões, com vários editores e também de forma disponível e empenhada com a SPA.

Numa conferência de imprensa realizada na SPA, "Sylvie Forbin elogiou a actividade de apoio à criação artística e cultural e de promoção da cultura e em particular o trabalho da cooperativa dos autores portugueses no sentido da criação de uma sustentável rede lusófona de sociedades que representem e fortaleçam o peso da lusofonia em vários continentes".

Com ampla e diversificada experiência internacional, Sylvie Forbin recordou que "pode ser muito importante a criação de uma Confederação Lusófona de Sociedades de Autores", pois "deverá ser uma plataforma capaz, nesta sociedade global e crescentemente digital, que valorize o que as várias estruturas que representam os autores têm em comum, ao mesmo tempo que enriquece e difunde o património da língua comum, com crescente representatividade junto dos organismos internacionais".

Foi a primeira vez que uma sociedade de autores europeia foi convidada para estar presente



Sylvie Forbin

© Inácio Ludgero

ASSEMBLEIA-GERAL DA CISAC EM VARSÓVIA APELA À UNIDADE MUNDIAL DOS AUTORES

“Mais do que nunca, temos de falar a uma voz”

A SPA participou na assembleia-geral da CISAC (Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores), que decorreu no dia 1 de Junho em Varsóvia, tendo como anfitriã a sociedade de autores polaca ZAIKS que neste ano de 2018 comemora 100 anos de existência. Seguiram-se várias sessões informais de trabalho no dia 2.

Na reunião, cujos trabalhos foram abertos pelo presidente não executivo da CISAC, o compositor Jean-Michel Jarre, e conduzidos pelo presidente executivo, Eric Baptiste, com a presença do vice-presidente Javier Gutierrez e do director-geral, Gadi Oron, participaram representantes de todo o mundo que, ao longo do dia, debateram assuntos fundamentais para o direito de autor em geral e para os criadores em particular.

Da sessão inaugural destacou-se também uma intervenção do ministro-adjunto da Cultura do governo da Polónia, Jaroslaw Sellin, assim como do vice-presidente da sociedade anfitriã, Stowarzyszenie Autorów.

De entre as decisões tomadas, segundo refere um comunicado emitido no dia 4 de Junho pelo Conselho de Administração da SPA, destaca-se a que se relaciona com os “critérios e condições de admissibilidade à CISAC, dossiê complexo que tem andado a ser analisado e debatido há cerca de dois anos”.

“O tema do mercado único digital”, batalha que tem sido conduzida pelo GESAC – para cujo grupo o presidente da SPA, José Jorge Letria, foi recentemente

eleito como vice-presidente – em articulação com a CISAC “foi largamente debatido, tendo Jean-Michel Jarre reiterado que o resto do mundo aguarda com expectativa a liderança da Europa nesta matéria” e “apelado à união de todos os criadores como única forma de conseguirem ver defendidos os seus direitos”.

Jarre declarou que, em tempos tão adversos como os actuais, em que os perigos e ameaças crescem por toda a parte, “juntos podemos mover montanhas e, mais do que nunca, temos de falar a uma voz”.

Os dirigentes máximos da CISAC valorizaram o trabalho em rede das diversas organizações mundiais e reputaram de extremamente importante a crescente articulação com a OMPI (Organização Mundial da Propriedade Intelectual) que se tem verificado nos tempos mais recentes sobre os temas mais relevantes para a defesa dos criadores.

Foram votadas, por proposta da Direcção da CISAC, as sociedades de autor que deveriam ser definitivamente expulsas desta organização, por reiterado grave incumprimento das regras (uma das quais a angolana SADIA), assim como quais as que ficam suspensas provisoriamente.

Por sorteio aleatório foram seleccionadas as sociedades de autor objecto de auditoria por parte da CISAC, no âmbito da actividade de controlo e supervisão que é praticado todos os anos. Assim, em 2019, serão a Koda (Dinamarca), a Dama

(Espanha), a Argentores (Argentina) e a Samro (África do Sul).

“Um dos painéis que mereceu considerável destaque foi o destinado à discussão do papel das mulheres e da necessidade de se criarem condições para a sua participação crescente”, quer como criadoras, quer o painel que foi conduzido pela vice-presidente da CISAC, Angélique Kidjo. “Foi igualmente aplaudida a apresentação do trabalho efectuado pelos comités regionais da CISAC, um dos quais (o europeu) teve José Jorge Letria como presidente nos últimos quatro anos.”

Na véspera da assembleia-geral, decorreu uma reunião do *board* da CISAC, durante a qual Eric Cottle, presidente da sociedade australiana APRA-AMCOS, abandonou uma das vice-presidências daquele órgão tendo sido substituído por Michio Asaishi, presidente da sociedade japonesa JASRAC. Foi também anunciada a saída de Santiago Schuster, durante mais de uma década director regional do Comité Latino-Americano e que agora se irá dedicar à vida académica, sendo substituído naquelas funções pelo venezuelano Rafael Farinas.

“O projecto lusófono que a SPA tem vindo a promover foi objeto de apreço”, salienta o comunicado, adiantando que “uma das presenças activas foi a da Sociedade Cabo-Verdiana de Música (SCM) que, aceite provisoriamente como membro da CISAC no ano passado em Lisboa, já integra o CIAM (Conselho Internacional dos Criadores Musicais)”.



Discurso de abertura de Jean-Michel Jarre, presidente da CISAC. Na mesa estão Gadi Oron (director-geral), Eric Baptiste (presidente executivo), Javier Gutierrez (vice-presidente) e Béatrice Blades

PROPOSTA DE DIRECTIVA NO ÂMBITO DO MERCADO ÚNICO DIGITAL

Autores e cultura alcançam vitória histórica no Parlamento Europeu

Foi aprovada no passado dia 12 de Setembro, por uma maioria significativa, a proposta de Directiva que permite prosseguir o processo legislativo no âmbito do mercado único digital, na sequência de um gigantesco esforço de informação e de mobilização desenvolvido em toda a Europa e no qual Portugal e a Sociedade Portuguesa de Autores desempenharam um importante papel. “Foi uma votação de grande alcance político com indiscutível relevância para o Parlamento Europeu”, salientou o Conselho de Administração da SPA num comunicado emitido no mesmo dia.

A votação final registou 703 a favor, 438 contra e 39 abstenções, “o que traduz uma vontade clara do Parlamento Europeu de que seja feita justiça aos criadores da Europa e de todo o mundo”. Para a Administração da SPA “é igualmente uma prova de democracia, de maturidade e de sentido ético esta votação que alterou completamente o sentido da votação registada em Julho”. E acrescenta: “Constitui também uma lição para todos os que pensavam que o esforço financeiro e as campanhas de desinformação, a maldade e a mentira, iriam prevalecer sobre a vontade de quem unicamente reivindica a possibilidade de ser remunerado pela utilização do seu trabalho que gera imensos lucros aos gigantes das plataformas.”

O Grupo Europeu de Sociedades de Autores e Compositores (GESAC), do qual o presidente da SPA, José Jorge Letria, ocupa uma das vice-presidências, a Confederação Internacional de Sociedades de Autores (CISAC) de cujo Comité Europeu o presidente da SPA deteve a presidência durante os últimos quatro anos, e outras organizações internacionais – representando, entre outros, autores de música e do audiovisual, artistas, produtores e jornalistas – estiveram unidos e mobilizados nesta luta desigual, que opunha o direito dos criadores aos interesses das gigantescas plataformas tecnológicas.

A SPA esteve sempre na primeira linha deste combate que teve como última iniciativa pública no nosso país um evento no dia 22 de Agosto, na Casa da Imprensa, no qual a cooperativa dos autores portugueses, num esforço articulado com as entidades representativas dos diversos sectores criativos e de informação (GEDIPE, FEVIP, AFP, AMÆI, AUDIOGEST, API, VISAPRESS e PMP), liderou uma sessão para tornar público um apelo aos eurodeputados portugueses sobre esta proposta.

No passado dia 5 de Julho esta proposta havia sido rejeitada e ficou em aberto a possibilidade de, até dia 5 de Setembro, serem efectuadas alterações ao texto de modo a obter-se o maior consenso possível. A SPA recorda que “o objectivo

do artigo 13º (que gerou mais polémica) é garantir que os criadores europeus recebam uma remuneração justa face aos lucros que são gerados pelas plataformas tecnológicas onde são introduzidos conteúdos criativos sem que os autores recebam os seus direitos”. Desta forma, os autores vêem-se privados de receber a remuneração da sua criatividade devido à falta de enquadramento legislativo e ao já conhecido fenómeno da transferência de valor (ToV).

“Apesar de termos ainda pela frente um longo caminho – refere o comunicado – o dia de hoje permite-nos continuar em jogo, não desperdiçar uma oportunidade única e, mais do que nunca, reforçou a convicção de que vale sempre a pena lutar até ao fim pelos direitos dos autores e de todos os que criam cultura.”

Nesta comunicado, a SPA regista “o comportamento do governo português neste processo, sempre do lado justo”, “enaltece a união gerada entre as diversas entidades de gestão colectiva que subscreveram o apelo conjunto”, “louva o comportamento generalizado da comunicação social que soube informar e esclarecer” e “agradece aos eurodeputados portugueses que foram sensíveis aos argumentos e que, com o seu voto positivo, contribuíram para esta histórica decisão e dignificaram o país e os cidadãos que representam”.



Dia do autor português 2018

SPA CELEBRA 93 ANOS A PREMIAR "OS MELHORES ENTRE OS MELHORES" NO MEIO DE LÁGRIMAS E SORRISOS DOS AUTORES

A consagração da liberdade dos criadores

Este ano, a cerimónia oficial da celebração do Dia do Autor Português que coincidiu com a dos 93 anos da Sociedade Portuguesa de Autores, a qual decorreu na Sala-Galeria Carlos Paredes, no dia 22 de Maio, para além da consagração da liberdade dos seus criadores, a "massa" de que a cooperativa é feita e cujos direitos defende e premeia com afinco, ficou marcada pela morte de dois autores e cidadãos de grande renome: a do advogado e escritor António Arnaut, na véspera, aos 82 anos, em Coimbra, e a do pintor e poeta Júlio Pomar, na tarde do próprio dia 22 de Maio de 2018, em Lisboa, ao 92 anos.

Por outro lado, a despedida de António Arnaut, que foi também um dos fundadores do PS em Abril de 1973 e que, como ministro dos Assuntos Sociais no II Governo Constitucional, foi o criador do Serviço Nacional de Saúde, tendo sido distinguido em 2017 com a Medalha de Honra da SPA como reconhecimento da sua obra, particularmente, como poeta, levou à natural ausência do Presidente da Assembleia da República, Eduardo Ferro Rodrigues, que fora convidado para presidir à sempre emotiva cerimónia da SPA, como associado da cooperativa e filho de um cooperador que foi, há anos, distinguido com a Medalha de Honra da instituição.

A leitura de uma extensa mensagem sua, que reproduzimos na íntegra, foi

feita pelo próprio presidente da instituição, José Jorge Letria, a seu pedido, após as referências iniciais ao pesar pelo falecimento de sempre da Sociedade Portuguesa de Autores como autor, como jurista, como ex-governante, como homem da cidadania e da política e com uma atenção sempre intensa, empenhada e emotiva em relação à realidade que o envolvia".

Entretanto, a notícia da morte de Júlio Pomar "caiu" no início das celebrações daquele dia na SPA, tendo originado uma sentida homenagem e comoção por parte dos muitos presentes que enchiam a sala. "Pomar foi uma figura central de toda a vida artística e cultural na segunda metade do século XX e já no século XXI e as muitas exposições internacionais para que foi convidado consagraram a sua obra como uma das mais representativas de sempre da história da pintura portuguesa", exaltou, na ocasião, José Jorge Letria, após a sua habitual intervenção institucional sobre a vida da cooperativa e a sua importância a nível nacional e internacional, agora que foi eleita para a vice-presidência do Grupo Europeu de Sociedades de Autores e Compositores, com sede em Bruxelas.

Mas não foram apenas aqueles dois momentos de luto que marcaram a efeméride. Durante a cerimónia, José Jorge

Letria, a "alma" da cooperativa dos autores portugueses, teve oportunidade de enaltecer a magnífica exposição da autoria de Alfredo Cunha, inaugurada uns dias antes – a 17 de Maio – com 50 retratos a preto e branco – "Retratos para sempre" - de grandes figuras da cultura e da cidadania portuguesas, que envolviam por completo a assistência. Aliás, quando foi divulgada a notícia da morte de Júlio Pomar, foi de imediato trazido para o estrado, junto à mesa de honra, um tripé com o retrato do pintor falecido, que estava incluído nesta exposição.

Outro momento de exaltação foi o da atribuição, na véspera, do Prémio Camões ao escritor cabo-verdiano Germano Almeida, associado da SPA desde 24 de Setembro de 1991. Germano Almeida, um dos autores mais lidos e traduzidos de Cabo Verde, é o segundo autor cabo-verdiano a ser distinguido com o Prémio Camões, depois de o galardão ter sido atribuído em 2009 ao poeta Arménio Vieira. O ano passado a honra coube ao poeta Manuel Alegre. É de lembrar que o Prémio Camões é o maior prémio da Língua Portuguesa, instituído por Portugal e pelo Brasil em 1988, sendo, com a sua atribuição, prestada anualmente uma homenagem à literatura em português.

O presidente da SPA apresentou a anunciada antologia de poesia lusófona "Coração Navegante" e ainda o CD "Não Sou o Único", homenagem da SPA a Zé Pedro, dos Xutos e Pontapés, com cinco novos autores e 10 canções originais.

ENTREGUE, PELA PRIMEIRA VEZ, O PRÉMIO JOSÉ MARIANO GAGO

Pela primeira vez, foi entregue o Prémio José Mariano Gago para o melhor livro de divulgação científica, como homenagem ao cientista e ex-ministro que lhe dá o nome e como forma de estímulo aos cientistas portugueses para se assumirem também como autores. E os premiados foram os professores Carlos Fiolhais e José Eduardo Franco, coordenadores da muito ampla e diversificada edição dos 30 volumes das "Obras Pioneiras da Cultura Portuguesa", publicados sob a égide da Universidade de Coimbra e da Universidade Aberta, com o apoio da Fundação Gulbenkian e da Biblioteca Nacional.

A mensagem do Dia do Autor foi lida depois pelo realizador António-Pedro

Vasconcelos, seu autor, que aceitou representar na sessão os autores portugueses.

Numa cerimónia sempre muito esperada, porque o nome não é divulgado previamente ao público, também foi entregue, em mais uma edição, o Grande Prémio de Teatro Português SPA/Teatro Aberto. Pela segunda vez consecutiva – o ano passado o júri decidiu não distinguir nenhuma das 33 peças a concurso, mas distinguiu em 2016 “Pela Água” – subiu ao púlpito para receber o prémio o jovem dramaturgo e encenador Tiago Correia, vencedor este ano com a peça “Alma”.

Seguiu-se a entrega dos Prémios Pró-Autor ao radialista António Miguel, ao director da revista “Egoísta” e *chairman* da Estoril-Sol Mário Assis Ferreira, à Feira do Livro de Lisboa e à Mostra – Festival de Filmes de Animação de Lisboa.

Um dos momentos mais altos, como é hábito, é a atribuição de Medalhas de Honra a cooperadores, que este ano foram, por esta ordem: a Associação dos Deficientes das Forças Armadas, a Cooperativa António Sérgio para a Economia Social (CASES), o Museu da Ciência da Universidade de Coimbra, o acordeonista Tino Costa, o Museu do Aljube, o historiador e político Fernando Rosas, o autor e compositor Carlos Tê, o professor universitário e presidente da Academia das Ciências de Lisboa Artur Anselmo, a jornalista e escritora Maria Antónia Palla e a Fundação Champalimaud.

A culminar os distinguidos do Dia do Autor Português, foi entregue o Prémio Consagração de Carreira ao professor do ensino secundário, cronista político, comunicador nato e investigador da História Contemporânea José Pacheco Pereira.

A cerimónia encerrou com uma actuação muito expressiva de Fernando Tordo, que está a comemorar 50 anos de carreira e que, por isso mesmo, recebeu uma placa de homenagem da SPA por esta efeméride. Um exercício de memória sobre alguns dos momentos marcantes da sua vida constituiu o *grand final*, todo ele exuberância, gestos prolongados e aquela voz quente, cantando e recordando o enorme Ary dos Santos.

–
Edite Esteves (texto)
Inácio Ludgero (fotos)

Prémios Pró-Autor



1



2



3



4

- 1 | **ANTÓNIO MIGUEL**, radialista, representado por **João David Nunes**.
Entregou: José Jorge Letria
- 2 | **FEIRA DO LIVRO DE LISBOA**, representada pelo secretário-geral da Associação Portuguesa de Editores e Livreiros (APEL), **Bruno Pacheco**.
Entregou: Pedro Abrunhosa
- 3 | **MÁRIO ASSIS FERREIRA**, *chairman* da Estoril-Sol e director da revista *Egoísta*.
Entregou: José Jorge Letria
- 4 | **MONSTA - FESTIVAL DE FILMES DE ANIMAÇÃO DE LISBOA**, representado pelo seu director, **Fernando Galrito**.
Entregou: Jorge Paixão da Costa

Celebrando os 50 anos de carreira de Fernando Tordo



1



2

- 1 | **FERNANDO TORDO** não podia estar mais feliz... Depois de ter sido distinguido no mesmo dia, em Março do ano passado, com a Medalha de Honra da SPA e com o Prémio Pedro Osório patrocinado pelo Millennium bcp, o talentoso cantor e compositor Fernando Tordo recebeu este ano de todos os elementos da mesa uma placa comemorativa dos seus 50 anos de carreira. Exuberante, o compositor e cantor de “Tourada” desmultiplicou-se em múltiplas memórias deste seu meio século de vida musical, que a todos tocaram de uma forma ou de outra.
- 2 | Depois dirigiu-se para a sua guitarra e, com gestos pronunciados e voz quente, continuou no seu exercício de memórias, recordando os serões em casa de Ary dos Santos e a forma como eles compunham em conjunto muitas das mais de 100 canções que assinaram. E, como exemplo, cantou com emoção “Balada para os nossos filhos”, dedicada ao seu filho, João Tordo, e finalizou a actuação, interpretando a carismática “Estrela da tarde”, não sem ter anunciado que grande parte do seu reportório que estava registado em Espanha vai passar para a SPA.



NO DIA DO AUTOR PORTUGUÊS, PRESIDENTE DA SPA SUSTENTA:

“A nossa obra é a expressão suprema da nossa liberdade”

A SPA completa hoje 93 anos de vida com um prestígio que a sua actividade tem vindo a fortalecer a nível nacional e internacional e que resulta do investimento regular e consistente nas novas tecnologias, na competência dos técnicos e no reconhecimento de estratégias internacionais que passam pela valorização da lusofonia, da cooperação e do diálogo que aproxima autores e culturas na diversidade deste mundo global em que nos movemos e que nos confronta com fenómenos muito complexos como o da quebra de solidariedade e da falta do essencial sentido humanista que aproxima os seres humanos e o produto da sua criatividade.

Nestas décadas de vida, nunca a SPA deixou de levar em conta e de reflectir as mudanças profundas operadas na sociedade portuguesa. E a verdade é que, mesmo nos anos conturbados e difíceis da ditadura, nunca a liberdade dos criadores, apesar da violência do dispositivo censório, foi posta em causa. Não obstante a dureza desse obstáculo profundo e estrutural, os autores continuaram sempre a escrever, a compor, a pintar, a filmar e a encenar.

Os melhores de todos nós foram sempre cooperadores desta casa, honrando-nos e engrandecendo-nos com a sua

memória e com o fulgor das suas obras.

Uma exposição que esteve patente nesta sala com o título “A Celebração dos Autores” mostrou, em imagem e texto, que as grandes referências da nossa vida cultural e artística fizeram desta casa a sua causa e desta causa o símbolo de vidas in-submissas e intensamente criativas.

A antologia que lançámos no passado dia 14, com apresentação a cargo do realizador António-Pedro Vasconcelos, constitui também a demonstração do que foi, durante muitos anos, o pensamento e a visão dos autores (homens e mulheres) sobre o acto de criar e de tentar viver dos direitos cobrados nas mais diversas e tantas vezes contraditórias situações.

O poder político sempre soube que a cultura cria emprego, riqueza, coesão nacional e atractividade internacional, sendo hoje um factor de intensa promoção internacional do nosso país, no contexto de um crescimento turístico que, ao mesmo tem-

po, nos estimula e preocupa porque põe em causa alguns equilíbrios irrenunciáveis. É, pois, tempo de dizer aos deputados e aos membros do governo que os nossos direitos devem ser reconhecidos e consagrados de uma forma justa e merecida.

Infelizmente, apesar do apoio que sempre demos à promessa de valorização cultural no país, isso não tem vindo a acontecer. O Primeiro-Ministro, que estimamos e por quem temos consideração, sabe bem o que pensamos a este respeito.

Desde 2014 que vimos a dar passos fundamentais para que a língua portuguesa, de Portugal a Timor Leste, do Brasil a Cabo Verde, passando por Angola, Moçambique, São Tomé e Príncipe e Guiné Bissau, seja uma ponte capaz de unir sociedades e criadores dispersos pelo amplo e diversificado mapa da imaginação e da criação de beleza.

Apoiámos e apoiamos as sociedades de autores de Angola, de Cabo Verde, de Timor Leste e de Moçambique, entre outras, no esforço pelo reconhecimento da sua actividade internacional e pela valorização do seu valioso património cultural.

Em Outubro de 2016, assegurámos a assinatura no Rio de Janeiro de um manifesto que proclamava a capacidade da língua portuguesa de ser uma plataforma de unanimidade, convergência e trabalho comum. Hoje, damos os passos necessários para que seja possível criar a Confederação Lusófona de Sociedades de Autores, estrutura que, neste mundo global e crescentemente digital, ainda mais nos pode mobilizar, fortalecer e unir. Juntos, sabemos o que queremos e para onde vamos.

Este esforço de importância estratégica é hoje observado e aplaudido nos organismos internacionais cujas direcções integramos, caso do Comité Europeu de Sociedades de Autores da CISAC, a que presidi durante quatro anos, até Abril deste ano, e também no caso do Grupo Europeu de Sociedades de Autores e Compositores (GESAC), para cuja vice-presidência fui eleito há poucas semanas em Bruxelas.

“É tempo de dizer aos deputados e aos membros do governo que os nossos direitos devem ser reconhecidos e consagrados de uma forma justa e merecida”

Este reconhecimento e apoio são os maiores que a SPA alguma vez teve na cena internacional são fruto do trabalho de uma equipa multidisciplinar, competente e cœsa que a partir daqui saúdo com confiança e apreço.

Acreditem que não é fácil percorrer este caminho num tempo tantas vezes adverso e ingrato para quem acredita que pode viver do que escreve, pinta, filma, compõe e inventa. Por isso também aqui estamos para aplaudir a obra dos nossos autores e para lhes dizer que esta casa é o espaço que os simboliza e verdadeiramente representa e protege.

Entre eles estão, na sua estimulante diversidade, alguns dos melhores de todos nós.

Vivemos num mundo incerto e pouco solidário em que a cultura e a arte tendem a ser vistas pelo ângulo redutor do entretenimento, o que por vezes leva a esquecer que uma canção como “Grândola, Vila Morena” de José Afonso, foi o símbolo musical, poético e político de uma transformação profunda da sociedade portuguesa que tão profundamente contribuiu para grandes mudanças no mundo e para a consolidação do fenómeno da descolonização, de que continuamos a orgulhar-nos.

Todos os anos premiamos as obras que mais engrandecem a vida portuguesa e temos a satisfação de poder afirmar que nenhuma outra instituição o faz tão intensa, regular e merecidamente como nós. Ao fazê-lo erguemos a bandeira luminosa das nossas convicções e abrimos ao mundo as portas de uma casa que sempre soube fazer da cultura o alimento único dos projectos que ainda havemos de concretizar, sobretudo no mandato que a partir do final deste ano assegurará mais quatro de gestão moderna, dinâmica e apelativa dos criadores portugueses. Juntos sempre soubemos e sabemos ser melhores porque o que nos une sintetiza o essencial desta pujante identidade comum.

Como escreveu o poeta Teixeira de Pascoães, “a arte de pedir, ó padre António Vieira, é a única arte nacional”. Nós, os autores, não pedimos. Reivindicamos e exigimos porque sabemos que, em democracia e na República, esse é um direito que nos assiste e a que não renunciamos porque sabemos quem somos e o que valemos. E sabemos também que a nossa obra é a expressão da nossa suprema liberdade.

— José Jorge Letria

Convívio social



1

1 | Ainda à porta do edifício 2 da SPA, antes da cerimónia, Luís Cília, cantor de intervenção, autor de “Avante camarada”, que no exílio, em França, denunciou a guerra colonial e a falta de liberdade em Portugal, em conversa animada com o historiador Fernando Rosas e o investigador José Pacheco Pereira



2

2 | Dois premiados “de peso” em pleno debate de ideias, já na Sala-Galeria Carlos Paredes: José Pacheco Pereira, Prémio Consagração de Carreira 2018, e Carlos Fiolhais, um dos dois autores dos 30 volumes das “Obras Pioneiras da Cultura Portuguesa”, Prémio José Mariano Gago, na sua primeira edição, este ano



3

3 | Envoltos na exposição dos retratos de Alfredo Cunha que enchem as paredes da sala, podem ver-se muitos dos distinguidos pela SPA no dia dos seus 93 anos. E, em primeiro plano, de novo, José Pacheco Pereira em troca de impressões com Leonor Beleza, sob o olhar do maestro António Victorino d’Almeida



4

4 | Dirigi os trabalhos da cerimónia oficial do Dia do Autor Português, o presidente da SPA, José Jorge Letria, acompanhado, à sua direita, pelo presidente da mesa da Assembleia-Geral, Rui Vieira Nery, e pelo vice-presidente da Direcção e administrador João Lourenço e, à sua esquerda, pelo presidente do Conselho Fiscal, Pedro Abrunhosa



5

5 | O emocionante momento em que a assistência prestou homenagem ao pintor Júlio Pomar perante o seu retrato extraído da exposição de Alfredo Cunha e que foi, de imediato, colocado em tripé de luto no estrado da galeria, logo que foi anunciado o seu falecimento, no início da cerimónia. Uma comovida salva de palmas marcou o momento

Mensagens do dia do auto



ANTÓNIO-PEDRO VASCONCELOS,
CINEASTA E ESCRITOR

Neste início do século XXI - em que a abertura vertiginosa e acelerada do campo das possibilidades vai de par com a desumanização, as ameaças sobre a sobrevivência do planeta, o receio do que nos espera, a perda da memória, o sentimento do descontrolo do mundo e da vulnerabilidade dos cidadãos - os autores e as suas obras estão colocados perante novos desafios e novas possibilidades, mas também novas ameaças às suas capacidades de se exprimir, de se realizar pelo seu trabalho, de ser reconhecidos, de ser senhores das suas obras e de fruir dos seus direitos.

Durante séculos, os autores viram o seu talento e o exercício da sua profissão dependentes de mecenas; e, sobretudo os pintores, os músicos e os arquitectos, viram os seus trabalhos dependentes de encomendas com temas e mensagens precisos que deviam executar. Graças ao seu génio incontestável e a admiração que lhe dedicava Filipe IV, Vélasquez pôde bater-se durante anos pelo reconhecimento da nobreza do seu estatuto, mas teve de fazer passar de forma discreta aos olhos da corte o que os seus quadros, a partir de certa altura, têm de subversivo.

Shakespeare escondeu toda a vida as suas convicções e ocultou as suas opiniões religiosas - num tempo onde se cortavam cabeças à mínima suspeita sobre as simpatias pelo catolicismo romano -, para poder fazer o mais genial retrato de todas as paixões humanas e o mais completo catálogo das várias versões do mal que o mundo alguma vez conheceu.

Mozart só aos 25 anos conseguiu libertar-se da escravidão de Colloredo, o sinis-

tro arcebispo de Salzburgo, para correr o risco de seguir a sua carreira de músico e intérprete independente na Viena de finais do século XVIII. E, mesmo assim, ao anunciar a sua recusa em continuar ao serviço do arcebispo, não escapou a um pontapé no traseiro dado pelo seu criado, que achava que o futuro autor de D. Giovanni era da sua igualha.

Hoje, no mundo ocidental, o artista conquistou o direito a fazer o que quiser. Os seus constrangimentos e dificuldades não são o resultado da sua dependência de um príncipe, de um doge ou de um arcebispo. Ou de um Monarca. Muitas vezes são, pelo contrário, o resultado da sua liberdade. Mas não são por isso menores: falta de meios financeiros ao seu dispor, sobretudo em casos das artes mais onerosas, como a arquitectura, o cinema ou o teatro, concorrência da futilidade, com a proliferação de artistas espontâneos e muitas vezes efémeros.

Enfim, dependência do Estado. O que cria, frequentemente, contradições difíceis de gerir entre a independência do criador e a dependência dos apoios públicos, a reclamação, ao mesmo tempo, do direito à subversão e ao subsídio. Rimbaud, Pessoa, Kafka, pagaram cara a sua liberdade a que poderemos chamar, paradoxalmente, a sua independência. Mas não se lembraram de pedir ao poder que lhes desse uma tença, lhes assegurasse um apoio estável, nem lhe subsidiasse a sua subversão!

Num livrinho precioso, "Viagem Marítima com D. Quixote", que escreveu durante uma viagem do Havre para Nova Iorque, em 1935, a bordo do transatlântico Lafayette, Thomas Mann aborda com alguma coragem e reclamando a modéstia do artista,

um tema ousado: "Seria de desejar, diz ele, que a liberdade e a emancipação fossem um ponto de chegada. E não de partida, que crescessem humanamente da modéstia da limitação, da vinculação e da dependência". E acrescenta: "É que, uma vez mais: a liberdade só adquire valor se for conquistada, isto é, quando constitui ela própria uma libertação".

Mas os autores, hoje, para além destas contradições, e para além das eternas dificuldades em termos de oportunidades, de reconhecimento e de remuneração justa na altura em que produzem, enfrentam novas dificuldades que não conheciam desde Beaumarchais: dificuldade em fazer valer o seu direito ao justo pagamento sobre a utilização das suas obras, a sua fruição e comercialização, dificuldade perante a difusão e a apropriação descontroladas do seu trabalho, sob a pressão liberal para que o alegado interesse do público (que esconde interesses colossais dos donos das grandes redes sociais de oferta) se sobreponha ao interesse público e aos direitos dos autores.

É para enfrentar essas ameaças que existem as sociedades de autores e que se torna cada dia mais importante lembrar a sua importância, e reforçar a sua representatividade e legitimidade, já não só ao nível nacional, mas ao nível do direito europeu e mesmo internacional.

Entre os mais jovens, mas não só, criou-se a ideia de que a obra nasce sem esforço e sem trabalho e que é um direito do público fruir da sua existência. Para muitos, hoje, o seu consumo gratuito é mesmo uma forma de reconhecimento, uma forma de admiração de que os autores deviam estar gratos.

O leitor e o público não têm de dar-se conta do trabalho, do esforço, do suor, da tortura, das dúvidas, da solidão, das dificuldades, em suma, por que passa o artista

antes de dar a sua obra por terminada. Quando lhes chega às mãos, aos ouvidos ou lhe é posto perante os olhos, o livro, o quadro, a música ou o filme têm de surgir como um objecto acabado, perfeito, uma obra que parece nascer de geração espontânea e que se oferece acabada e perfeita à sua fruição e aspirando ao reconhecimento e à admiração.

Mas é o trabalho por trás da obra acabada que a valoriza e lhe dá o preço.

Mesmo se, com o tempo e a maturidade, certos artistas acabam por criar com uma aparente facilidade, esse é sempre o resultado do talento aperfeiçoado pela longa e exigente experiência dos anos. Conta-se que Picasso, já famoso, um dia em que fez

“É o trabalho por trás da obra acabada que a valoriza e lhe dá o preço”

r português

em poucos dias o retrato de uma senhora milionária, terá levado uma fortuna pelo seu trabalho. Escandalizada, a retratada terá comentado: “Mas levou tão pouco tempo a fazê-lo!” Ao que Picasso terá respondido: “Não, minha senhora, levei 80 anos!”

O mais árduo trabalho dos artistas é – aliás, sempre foi – tornarem-se necessários. Mas é, por sua vez, o maior sinal da grandeza, projecção e esplendor de uma civilização necessitar dos seus artistas e valorizar as suas obras.

Resta-me uma palavra para o que chamo a responsabilidade social, cívica e mesmo política dos autores. Sempre entendi que essa responsabilidade deve ser dupla: pelo que a obra diz às pessoas – isto é, pelo que denuncia e anuncia, pelas injustiças, mas também pelos anseios, a que dá voz, pelo que nos obriga a ver sobre a nossa pequenez, mas também sobre a nossa grandeza, pela revelação do valor inviolável da nossa liberdade.

Mas a responsabilidade do artista tem outra face: a do seu empenhamento ao lado do que acha justo, pelo seu apoio às Causas que defendem o indivíduo e a sua dignidade, o cidadão e os seus direitos, pelo dever de dar a cara e oferecer um pouco do seu tempo a protestar contra os abusos do poder, os assaltos ao património, o desprezo pela lei, a chantagem do mais forte e do mais rico, a promiscuidade entre o Estado e os interesses, entre a Justiça, os políticos e a Comunicação Social, as decisões irresponsáveis e os actos lesivos dos nossos legítimos interesses e direitos, tudo o que mina a confiança na democracia, tudo aquilo que nos choca e que a nossa consciência não pode calar – e a que Emmanuel Kant, chamava “o imperativo categórico”. Decisões em que, muitas vezes, os artistas arriscaram a segurança, o conforto, a reputação ou mesmo a vida. Estou a lembrar-se-me de Sócrates, recusando-se a abjurar, a desculpar-se ou a exilar-se, ou de Unamuno enfrentando o inflamado falangista Milan Astray, na Universidade de Barcelona em 1936, que lhe valeu a destituição de reitor, o retiro forçado em casa e a morte pouco depois.

Vivemos tempos difíceis, como no tempo em que Dickens denunciou os malefícios da revolução industrial e o egoísmo dos poderosos. E é nos tempos difíceis que são postas à prova e se revelam as qualidades humanas dos autores – que estão para além das qualidades inatas do seu talento.



ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

Senhor Presidente da Direcção e do Conselho de Administração da Sociedade Portuguesa de Autores, meu Caro José Jorge Letria,

Por razões que são conhecidas, não me foi possível estar presente nesta edição do Dia do Autor Português, assinalado pela Sociedade Portuguesa de Autores.

Sei que compreendem que não poderia deixar de estar a representar a Assembleia da República na despedida a esse grande português, democrata e autor, que foi o Dr. António Arnaut.

Não escondo também que, sendo filho de um cooperador e eu próprio associado, é com emoção que escrevo as linhas desta mensagem.

A Sociedade Portuguesa de Autores já caminha a passos largos para o seu Centenário. Décadas de serviço à cultura e aos seus protagonistas, com milhares de inscritos oriundos de todas as disciplinas e dos diferentes setores artísticos. Uma verdadeira instituição de utilidade pública. Uma instituição que soube acolher e defender os artistas nos anos de chumbo do fascismo. Uma instituição que continua a desempenhar uma função insubstituível em democracia e na relação com os órgãos de soberania.

Na Assembleia da República, temos muito orgulho no trabalho cultural que desenvolvemos com os artistas e os cientistas portugueses em inúmeras iniciativas.

Peço-lhes que estejam atentos à programação que vamos apresentar no próximo ano, no âmbito do Bicentenário do Constitucionalismo e dos 45 anos do 25 de abril...

Com o 25 de abril veio a liberdade, mas também as condições para o exercício da liberdade. Isso refletiu-se em vários domínios da vida nacional e isso foi evidente no domínio da cultura e da criação artística.

Colocam-se agora alguns desafios à cultura e aos autores. Falo aqui apenas dos dois desafios que me parecem mais importantes.

O desafio da revolução digital e da globalização em que temos de preservar o lugar

próprio dos direitos de autor e da diversidade das expressões artísticas nacionais.

E o desafio do reconhecimento dos intelectuais e do seu trabalho no espaço público, num tempo em que ganha peso o culto do amador e a atomização dos consumos.

Sinto que, na última década, os protagonistas das diversas artes têm vindo a perder voz no espaço público.

Há críspação a mais nos debates políticos e desportivos e esclarecimento a menos. Há acima de tudo um grande défice de cultura nos media.

Hoje, somos cada vez mais convidados a consumir aquilo que já conhecemos, aquilo de que à partida mais gostamos. É o efeito dos já célebres algoritmos dos motores de busca da internet.

E nesse sentido, há aqui um paradoxo que é o facto de o aumento da diversidade da oferta não ter contribuído para um aumento da diversidade dos consumos.

Lembro-me bem, a seguir ao 25 de abril, da presença constante dos músicos, dos cineastas, dos artistas, dos escritos nos jornais e na televisão. Os jornais eram dirigidos por grandes intelectuais e escritores. De repente, parece que o mundo das artes só é notícia quando há problemas nos concursos de financiamento.

Vejo agora com gosto o surgimento de um saudável debate público a propósito da criação de um Museu das Descobertas. Independentemente da opinião de cada um, acho que é de saudar o aparecimento destes debates no espaço público, com novos protagonistas. É preciso reforçar essa ligação e essa capacidade de comunicação entre a cultura e o grande público.

É um desafio que lanço à comunicação social, em particular ao serviço público de rádio e televisão, mas um desafio também extensível aos próprios agentes culturais, aos autores, que têm de ter presente que sem os seus públicos, sem essa permanente capacidade de despertar consciências e renovar métodos, deixam a sua atividade à procura de destinatário e de sentido.

A todos, desejo um excelente Dia do Artista, saudando em particular os laureados deste ano.

– Eduardo Ferro Rodrigues,

JOSÉ PACHECO PEREIRA GALARDOADO
COM O PRÉMIO CONSAGRAÇÃO DE CARREIRA 2018

“Este prémio vai para o Ephemera!”

Homem do pensamento e cronista notável, José Pacheco Pereira foi distinguido por unanimidade por todos os órgãos sociais da SPA com o Prémio Consagração de Carreira 2018, o galardão mais importante atribuído no Dia do Autor Português, entre os Prémios Pró-Autor, as Menções Honrosas, o Grande Prémio do Teatro Português e, a partir deste ano também, o Prémio José Mariano Gago para as obras científicas.

Considerado por José Jorge Letria na sua apresentação “um autor da SPA absolutamente exemplar” e “uma das figuras mais influentes do pensamento polí-

tico, social e cívico em Portugal, com a particularidade de escrever e falar com grande liberdade sobre aquilo que pensa e entende”, o acutilante participante na “Quadratura do Círculo”, programa semanal da SIC, e corajoso cronista regular do Público, Pacheco Pereira, além de possuir uma obra extensa como escritor e analista da contemporaneidade democrática – com destaque para os seus quatro volumes da biografia de Álvaro Cunhal – é o impulsionador de um projecto sem fim à vista, a que chamou Ephemera, o qual reúne e trata em arquivo centenas de milhares de documentos e mais de 200 mil títulos, na “maior biblioteca privada no nosso país”, fora os mais variados e impensáveis objectos “tocados pela História”.

“Ando literalmente aos papéis, em busca das verdades”, ironiza e empolga-se quando fala no projecto que o toma por completo. Aliás, avisa logo: “Este prémio vai para o Ephemera!”. Contador crónico, como se autocalifica, é do Ephemera que ele, neste momento, gosta mais de expor as suas ideias, os seus passos e os seus objectivos, como confessou, “até porque é um projecto que preserva a memória, o mesmo é dizer, a democracia”. Por isso, este prémio irá distinguir em especial essa sua carreira, entre as muitas que tem, e “constituir um incentivo para as que estão para vir”.

**“A POSSE LEGÍTIMA
DAS PALAVRAS
É A POSSE DA DEMOCRACIA”**

Na sequência deste raciocínio e pegando nas palavras de exaltação de José

Jorge Letria sobre a sua forma de estar na SPA, por onde faz passar todas as suas mais variadas obras, Pacheco Pereira justifica a razão porque valoriza o papel da cooperativa – “só estou protegido se estiver na SPA”, dissera ao presidente - e essa razão tem a ver, exactamente, com o problema da democracia.

“O que se passa nos dias de hoje – explica - é que aquilo que atinge os direitos de autor atinge um vasto conjunto de coisas que põe em causa muitos valores. O roubo da propriedade intelectual faz parte de um mecanismo que está a dissolver valores civilizacionais, como por exemplo, o valor da privacidade, da intimidade, do espaço de vida próprio.”

Para o analista, “o que está a acontecer é uma dissolução de todas as fronteiras que levámos muitos anos a construir para proteger a autonomia individual das pessoas”. E este mecanismo, segundo ele, vai mais longe, “porque está a dissolver os factos e a pôr em causa o valor da verdade, que é um instrumento político poderoso que o que faz é substituir qualquer espécie de mediação do saber pela força”, o que está a acontecer nos Estados Unidos.

E isto chega também à dissolução da memória, “que é uma coisa que nos tira poder” e por muitos caminhos: um deles é a destruição da memória da língua (cada vez há menos palavras e um vocabulário mais pobre), a substituição da leitura mais rica por metatextos ou hipertextos e a destruição do passado. Por isso é tão fundamental para Pacheco Pereira “andar aos papéis para não apagar o passado”, pois, acentua, “a memória é uma das armas mais importantes para a democracia”.

E conclui, voltando à ideia inicial: “Numa casa como esta feita pela posse legítima das palavras é a posse da democracia.”

–
Edite Esteves



PRÉMIO JOSÉ MARIANO GAGO DISTINGUE
"OBRAS PIONEIRAS DA CULTURA PORTUGUESA"

Carlos Fiolhais e José Eduardo Franco responsáveis pelo maior projecto científico interdisciplinar português

Na sua primeira edição, o Prémio José Mariano Gago de Divulgação Científica criado pela SPA foi atribuído neste Dia do Autor Português aos 30 volumes das "Obras Pioneiras da Cultura Portuguesa", publicados em 2017 em exclusivo pelo Círculo de Leitores sob a égide da Universidade de Coimbra e da Universidade Aberta com o apoio da Fundação Gulbenkian e da Biblioteca Nacional. Este projeto, que "pretende revelar o ADN da língua e da cultura portuguesas", é dirigido por José Eduardo Franco, director da Cátedra Infante D. Henrique para os Estudos Insulares Atlânticos e Globalização da Universidade Aberta, e por Carlos Fiolhais, físico, ensaísta, e professor na Universidade de Coimbra.

Esta gigantesca obra resulta da "maior operação científica interdisciplinar da história da cultura portuguesa", incluindo obras representativas da medicina, da geografia, do direito, da física, da arquitectura, da química, da música, da engenharia, da botânica, da pedagogia e da arte de navegar, entre outras.

Segundo especificou Carlos Fiolhais, este projeto foi levado a cabo por uma equipa multidisciplinar composta por 174 elementos: 45 investigadores, 58 especialistas coordenadores dos volumes, 71 consultores nacionais e internacionais, com colaboradores provenientes de 46 instituições: universidades nacionais e internacionais, institutos politécnicos, centros de investigação e academias.

Este grandioso projecto de 80 obras entre os séculos XII e XIX reunidas em 30 volumes ora publicados é composto por obras e documentos patentes em 55 bi-

bliotecas e arquivos nacionais e estrangeiros, tendo "os textos de todas as obras sido transcritos, fixados e criteriosamente atualizados a partir das suas versões primeiras, as originais, os manuscritos mais completos ou as primeiras edições".

"Trata-se de uma biblioteca fundamental da língua e da cultura portuguesas, até porque onde cresce a ciência, cresce a arte e a cultura", salientou Carlos Fiolhais, referindo que são "obras marcantes cujo pioneirismo em Portugal lançou as sementes do conhecimento e da divulgação das artes e das ciências". As "Obras Pioneiras da Cultura Portuguesa" garantem, assim, que "todos têm acesso a esse intemporal e valioso legado que os portugueses foram construindo ao longo de séculos e séculos de história".

O júri que efectuou esta oportuna escolha e levou em conta as obras publicadas na área da divulgação científica em 2017 foi constituído pelos professores universitários e investigadores Rui Vieira Nery, Miguel Lopes e Elvira Fortunato, tendo sido o também presidente da mesa da Assembleia-Geral da SPA, Rui Vieira Nery, quem entregou os dois troféus aos galardoados e ainda o prémio no valor pecuniário de 2500 euros, que ambos acordaram ceder às entidades patrocinadoras do projecto.

Na apresentação do prémio, José Jorge Letria exaltou as qualidades do cientista José Mariano Gago, que "foi ministro durante 12 anos e realizou um trabalho notável como físico, docente universitário, decisor político e dirigente internacional", e recordou que a Assembleia da República escolheu como Dia da Ciência a data de 16 de Maio, por ser aquela em que José Mariano Gago nasceu há 70 anos.



Medalhas de Honra da SPA

1 | ADFA-ASSOCIAÇÃO DOS DEFICIENTES DAS FORÇAS ARMADAS, pessoa coletiva de direito privado e utilidade pública representativa dos deficientes militares, fundada em 14 de Maio de 1974, representada aqui pelo seu activo presidente, comendador **José Arruda**, condecorado em Fevereiro de 2016 pelo então Presidente da República com a Ordem do Infante D. Henrique.
Entregou: Carlos Alberto Moniz

3 | MUSEU DA CIÊNCIA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA, representado aqui pela vice-directora **Carlota Simões**, foi inaugurado no dia 5 de Dezembro de 2006. Instalado no Laboratório Chimico da Universidade de Coimbra, foi eleito, em 2013, pelo *site* The Best Colleges, de classificações e *rankings* de universidades e cursos, como um dos 30 melhores museus universitários do mundo.
Entregou: Tozé Brito

2 | CASES-COOPERATIVA ANTÓNIO SÉRGIO PARA A ECONOMIA SOCIAL, entidade criada após o 25 de Abril de 1974, resultante de uma parceria entre o Estado e as entidades de cúpula da economia social, que tem como objectivo central a promoção deste sector. Vocacionada para o sector cooperativo, foi representada pelo seu presidente da Direcção, **Eduardo Graça**.
Entregou: Paula Cunha

4 | TINO COSTA, popular acordeonista algarvio, associado da SPA desde 1955 e cooperador a partir de 1980, está a comemorar os seus 50 anos de uma carreira extremamente entusiasta, como músico e como professor. Orgulhando-se de ter sido sempre muito bem-recebido nos 25 países onde tocou ao longo deste meio século, prepara um CD comemorativo da efeméride.
Entregou: Vitorino



5 | **FERNANDO ROSAS**, historiador, político, comunicador e autor de larga bibliografia referente à História dos séculos XIX e XX de Portugal, em particular do Estado Novo, tem estado em evidência na SPA, onde, recentemente, foi conferencista sobre as grandes questões do mundo e entrevistado por J.J. Letria para um dos livros da colecção "o fio da memória" da Guerra & Paz.

Entregou: José Jorge Letria

7 | **MARIA ANTÓNIA PALLA**, mãe de António Costa, marcou a agenda feminista em Portugal ao assinar uma reportagem na RTP, em 1976, em que uma mulher abortava - o marido, administrador da estação pública, suspendeu-lhe o programa e ela ainda teve de ir a tribunal. Dedicou o prémio ao fotojornalista Alfredo Cunha, com quem fez a sua primeira reportagem.

Entregou: José Jorge Letria

6 | **ARTUR ANSELMO**, natural do Alto Minho, tem leccionado Língua, Literatura e Cultura Portuguesa, assim como Cultura Clássica, Semiologia e História do Livro, em universidades da Europa e do Brasil. É sócio correspondente da Academia Portuguesa da História e sócio efectivo da Academia das Ciências de Lisboa, em cuja instituição ocupa, presentemente, a Presidência.

Entregou: Rui Vieira Nery

8 | **FUNDAÇÃO CHAMPALIMAUD**, que nasceu na mente de António de Sommer Champalimaud, um industrial e financeiro de sucesso português, que dedicou parte da sua herança para a construção de um projeto de âmbito mundial na área da biomedicina. Em testamento, designou para presidente a antiga ministra da Saúde **Leonor Beleza**, que representou aqui a instituição.

Entregou: José Jorge Letria, acompanhado por Pedro Abrunhosa, Rui Vieira Nery e João Lourenço

NOTA

As Medalhas de Honra da SPA atribuídas ao **MUSEU DO ALJUBE-RESISTÊNCIA E LIBERDADE** e ao compositor, músico, letrista, cantor e escritor **CARLOS TÊ** não puderam ser entregues nesta cerimónia, por motivos da vida privada, no caso do director do museu, **Luís Farinha**, e da vida profissional, no segundo. Os galardões serão entregues posteriormente.



**DISTINGUIDO PELO
SEGUNDO ANO CONSECUTIVO**

Tiago Correia vence com “Alma” Grande Prémio do Teatro Português 2018

Caso inédito ao longo das suas 23 edições, o júri do Grande Prémio do Teatro Português, promovido em conjunto pela SPA e pelo Teatro Aberto, distinguiu este ano, pela segunda vez consecutiva, o dramaturgo, actor e encenador Tiago Correia como o vencedor incontestado deste concurso anual cujo regulamento obriga ao envio de textos sob pseudónimo.

Presidido por João Lourenço, na qualidade de director artístico do Teatro Aberto e de administrador e Vice-Presidente da Sociedade Portuguesa de Autores, e constituído por Francisco Pestana, Marta Dias e Vera San Payo de Lemos, em representação do Teatro Aberto, e por Luís Filipe Costa, Rui Mendes e Tiago Torres da Silva, em representação da Sociedade Portuguesa de Autores, o júri decidiu, por maioria, atribuir o Grande Prémio de Teatro Português 2018 à peça “Alma”, do mesmo autor de “Pela Água”, vencedora de 2016 (o ano passado o prémio não foi atribuído), estreada no passado dia 31 de Maio no palco do Teatro Aberto, com encenação de Tiago Torres da Silva.

“Este facto é motivo de satisfação para o júri, que assiste com prazer ao percurso consistente de um novo autor no panorama da dramaturgia portuguesa”, relevou Vera San Payo de Lemos, citando a declaração do júri.

Num ano em que seis peças foram seleccionadas para a fase final, o júri distinguiu “Alma”, uma peça sobre a juventude, para ser interpretada por um jovem elenco e que o autor dedicou aos seus avós, conforme disse no seu curto discurso de agradecimento. A solidão e a possibilidade de confiança na amizade e no amor, a importância de que se revestem os laços familiares e a transmissão de valores entre

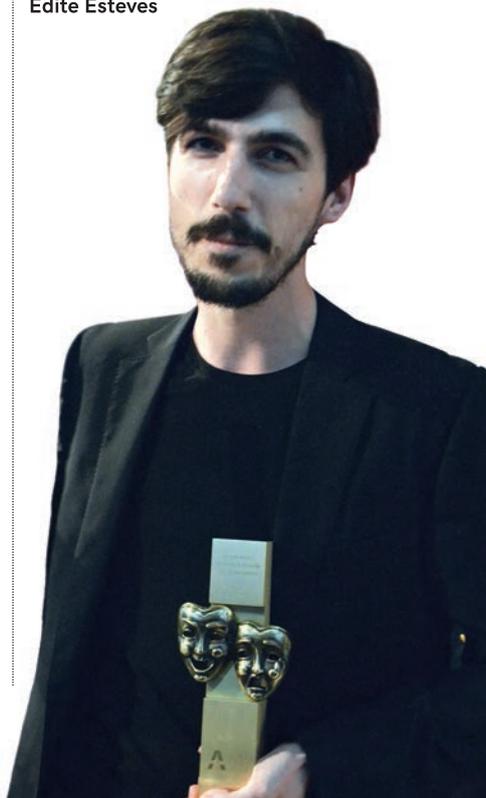
gerações são alguns dos temas abordados nesta peça, que retrata um episódio de viragem na vida conturbada de um adolescente. Impedido de se mover após um acidente, um rapaz passa os dias no sótão da casa dos avós, a olhar pela janela. As visitas do amigo, da namorada e de uma desconhecida vão precipitar a revelação do que verdadeiramente aconteceu.

“Estou feliz por saber que estou no caminho certo e também porque o prémio vai pela quarta vez para o Porto, a minha terra”, disse, fazendo questão de relevar, desta forma, “a importância deste concurso, que é isento”.

Por seu turno, o júri realçou a qualidade da obra premiada, “não só pelo carácter simples e consistente da construção dramática, como também pela proposta formal e de escrita”. “Através de uma linguagem tão coloquial quanto poética, as personagens apresentam-se com uma autenticidade surpreendente, num texto que dirige um olhar lúcido e questionador sobre a futilidade do mundo contemporâneo”, pode ler-se na sua declaração.

Congratulando-se com a eleição deste ano, Vera San Payo de Lemos, em nome dos jurados, convidou todos os autores a continuarem a participar no Grande Prémio de Teatro Português “para que mais textos originais sejam conhecidos pelos leitores e ganhem vida no palco”.

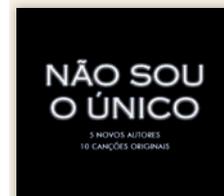
—
Edite Esteves



**LANÇADA
ANTOLOGIA
POÉTICA
“CORAÇÃO
NAVEGANTE”**

No âmbito do lançamento formal de obras publicadas pela SPA, desta feita em colaboração

com a Editora Guerra & Paz e apoio mecenático, José Jorge Letria manifestou o orgulho da instituição por poder apresentar nesta data simbólica a anunciada antologia de poesia de língua portuguesa “Coração Navegante”, organizada pelo poeta José Fanha. Com prefácios do próprio José Jorge Letria e de Guilherme d’Oliveira Martins, o livro reúne poemas de 72 autores e pseudónimos de Angola, Brasil, Cabo Verde, Moçambique, Portugal, Timor e S. Tomé e Príncipe. Além de pretender sublinhar o poder da língua portuguesa como instrumento de comunicação e criação capaz de ligar povos de vários continentes, vem também fortalecer o projecto de criação da Confederação Lusófona de Sociedades de Autores, proposto pela SPA.



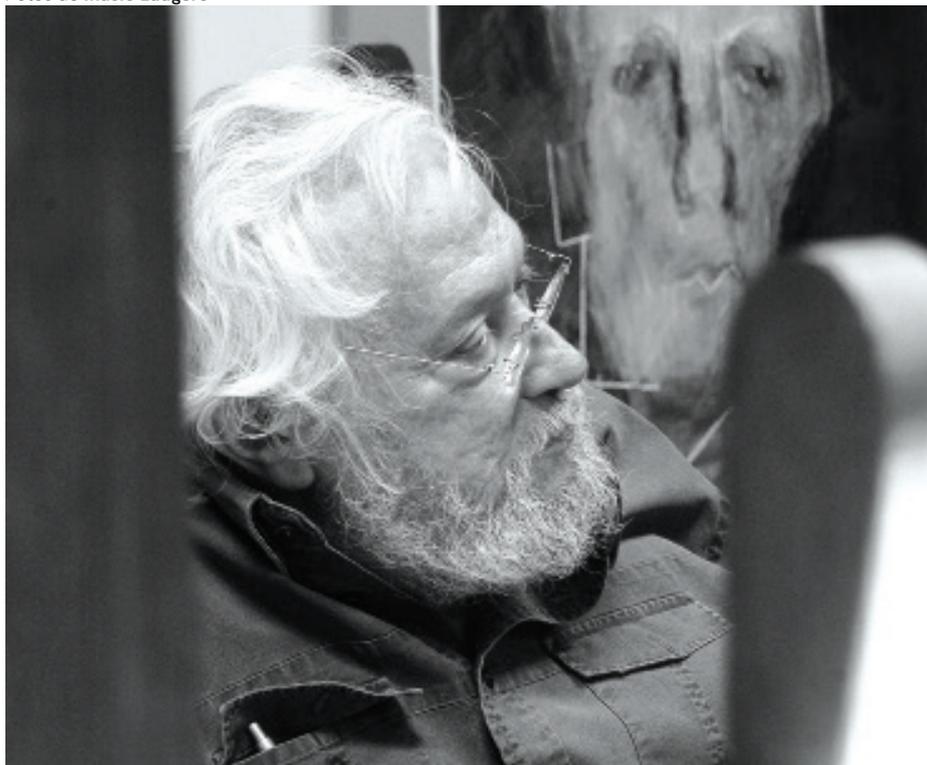
**“NÃO SOU
O ÚNICO”
HOMENAGEIA
ZÉ PEDRO
DOS XUTOS**

Com o apoio de Renato Júnior, mem-

bro da Direcção da SPA e autor, compositor e produtor musical, o presidente da cooperativa apresentou, igualmente, o CD “Não sou o único”, em homenagem a Zé Pedro, guitarrista e um dos fundadores da banda de rock portuguesa Xutos e Pontapés e também cooperador da SPA, que faleceu em Novembro de 2017. “O Zé Pedro, apesar de ter desaparecido fisicamente cedo, deixou uma obra extensa e deu sempre muita atenção aos novos talentos”, explicou José Jorge Letria. Foi a partir dessa premissa que a SPA organizou um concurso coordenado por Renato Júnior com o apoio da Antena 3 e dos Xutos, a que concorreram 143 canções, donde resultou esta colectânea com 10 canções originais compostas por 5 novos autores. A sua gravação e edição foi da responsabilidade da SPA.

—
EE

Fotos de Inácio Ludgero



JÚLIO POMAR (1926-2018)

Figura central da vida artística e cultural dos séculos XX e XXI

A SPA manifestou o seu grande pesar pelo falecimento do pintor Júlio Pomar, associado da cooperativa desde 20 de Abril de 1995. Júlio Pomar, também poeta, faleceu no Hospital da Luz, ao 92 anos, na tarde do dia 22 de Maio de 2018. A notícia da sua morte “caiu” no início das celebrações na SPA do Dia do Autor Português, tendo ocasionado uma sentida homenagem por parte da maioria dos presentes. “Pomar foi uma figura central de toda a vida artística e cultural na segunda metade do século XX e já no século XXI”, lê-se na nota emitida no dia 23, pelo Conselho de Administração.

É sobejamente conhecido o retrato de Mário Soares que Júlio Pomar pintou em 1992 e que representa o Presidente da República na galeria de retratos dos Presidentes no Palácio de Belém. Uma pintura que sai fora dos cânones clássicos dos retratos ali expostos e diz muito sobre a originalidade e irreverência do pintor. Aliás, Pomar foi grande amigo de Mário Soares, tendo estado os dois deti-

dos ao mesmo tempo numa das prisões da ditadura.

Júlio Pomar nasceu em Lisboa em 1926. Depois de ter sido, nas décadas de 40 e 50, um dos mais destacados artistas do neo-realismo, seguiu outros caminhos, sempre marcado pela viagem, pelo erotismo e pelo património rico e motivador da memória.

Grandes exposições da sua obra realizadas nas últimas décadas na Fundação Calouste Gulbenkian, em Serralves e nos museus de São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília “consagraram a sua obra como uma das mais representativas de sempre da história da pintura portuguesa”.

Estudou na António Arroio, onde foi colega de Mário Cesariny, Cruzeiro Seixas e Vespeira. Mudou-se depois para o Porto, onde foi colega e amigo de Fernando Lanhas. Obras como “O Gadanheiro” e “O Almoço do Trolha” são das mais representativas da sua ligação à estética neo-realista.

Júlio Pomar foi militante do PCP e activista do MUD Juvenil, o que determinou a sua prisão pela PIDE. A partir de 1956, foi um dos organizadores e participantes nas Exposições Gerais que reuniam artistas que se opunham ao regime de Salazar. Nesses anos, viajou com frequência por cidades como Paris, onde viveu, e Madrid, mas também por Itália e Marrocos.

Recebeu o título de doutor *honoris causa* pela Universidade de Lisboa e foi distinguido com o Prémio AICA e com o Grande Prémio Amadeo de Sousa Cardoso.



ANTÓNIO ARNAUT (1936-2018)

Criador do SNS, escritor e poeta

A SPA manifestou o seu pesar pela morte, no passado dia 21 de Maio, aos 82 anos, em Coimbra, do advogado António Arnaut, que foi um dos fundadores do PS em Abril de 1973 e, como ministro dos Assuntos Sociais no II Governo Constitucional, foi o criador do Serviço Nacional de Saúde. No Dia do Autor Português em 2017, António Arnaut foi distinguido com a Medalha de Honra da SPA como reconhecimento da sua obra, particularmente, como poeta. Em 2016, foi elevado ao grau de Grã-Cruz da Ordem da Liberdade pelo Presidente Marcelo Rebelo de Sousa.



ALBANO MARTINS (1930-2018)

Poeta e tradutor premiado

O poeta e tradutor Albano Martins morreu no passado dia 6 de Junho, no Hospital Santos Silva, em V. N. de Gaia, aos 87 anos. Nascido em 1930, no Fundão, e licenciado em Filologia Clássica, era docente da Universidade Fernando Pessoa. A sua obra está publicada em duas dezenas de livros de poesia e em antologias e obras coletivas. Em 1998, recebeu o Grande Prémio de Tradução Literária, pela tradução de “Canto Geral”, de Pablo Neruda e, em 2012, o Grande Prémio de Tradução Literária da APT/SPA pela tradução da “Antologia da Poesia Grega Clássica”.

FILIFE MENDES (PHIL MENDRIX)
(1947-2018)

Uma lenda do rock português

A SPA manifesta o seu pesar pela morte, aos 70 anos, do guitarrista e compositor Filipe Mendes, associado da SPA desde Março de 1977. Filipe Mendes usava o pseudónimo artístico Phil Mendrix, como forma de homenagem a Jimi Hendrix, guitarrista e compositor norte-americano que sempre muito admirou e o influenciou como instrumentista.

Numa motivadora sessão de homenagem pelos seus 50 anos de carreira co-

mo uma lenda do rock, “Phil Mendrix foi distinguido no dia 16 de Novembro de 2017 com a Medalha de Honra da SPA, acto que, aliás, muito o sensibilizou”, conforme recorda a Administração da SPA numa nota datada de dia 14 de Agosto e de que a AUTORES deu conta na última edição desta revista do ano passado.

“Era considerado um dos maiores guitarristas de sempre da música portuguesa, com uma carreira que também passou pelo estrangeiro”, lembra o Conselho de Administração da cooperativa dos autores portugueses.

Filipe Mendes foi um dos fundadores e guitarrista dos Chinchilas em 1964. Integrou ainda os grupos Psico, Roxigénio, Fluido e Heavy Band. Nos últimos anos trabalhou com os Irmãos Catita, Ena Pá 2000 e com Corações de Atum, entre outros. A SPA ia apoiar a edição de um disco de homenagem ao músico e compositor, projecto que o seu falecimento, vítima de cancro, interrompeu. O anúncio fora feito no dia em que a SPA lhe atribuiu a Medalha de Honra.

Nascido em Lisboa, em 10 de Novembro de 1947, Filipe Mendes passou a infância em Moçambique. O primeiro disco dos Chinchilas foi editado em 1967.

Nos Estados Unidos, Filipe Mendes, que os músicos portugueses de várias gerações muito admiravam, estudou na Chicago School of Music. Em Portugal, editou o single “Ring Stone Eyes/Urso KI” e o último disco dos Chinchilas.

Tocou com grandes músicos e intérpretes portugueses, como Paulo de Carvalho e Fernando Girão, e também com Os Charruas, tendo-se empenhado ainda no relançamento dos Chinchilas.

Filipe Mendes foi sepultado no dia 15 de Agosto, no Talhão dos Artistas no Cemitério dos Prazeres.



ALTINO DO TOJAL (1939-2018)

Autor de “Os Putos”

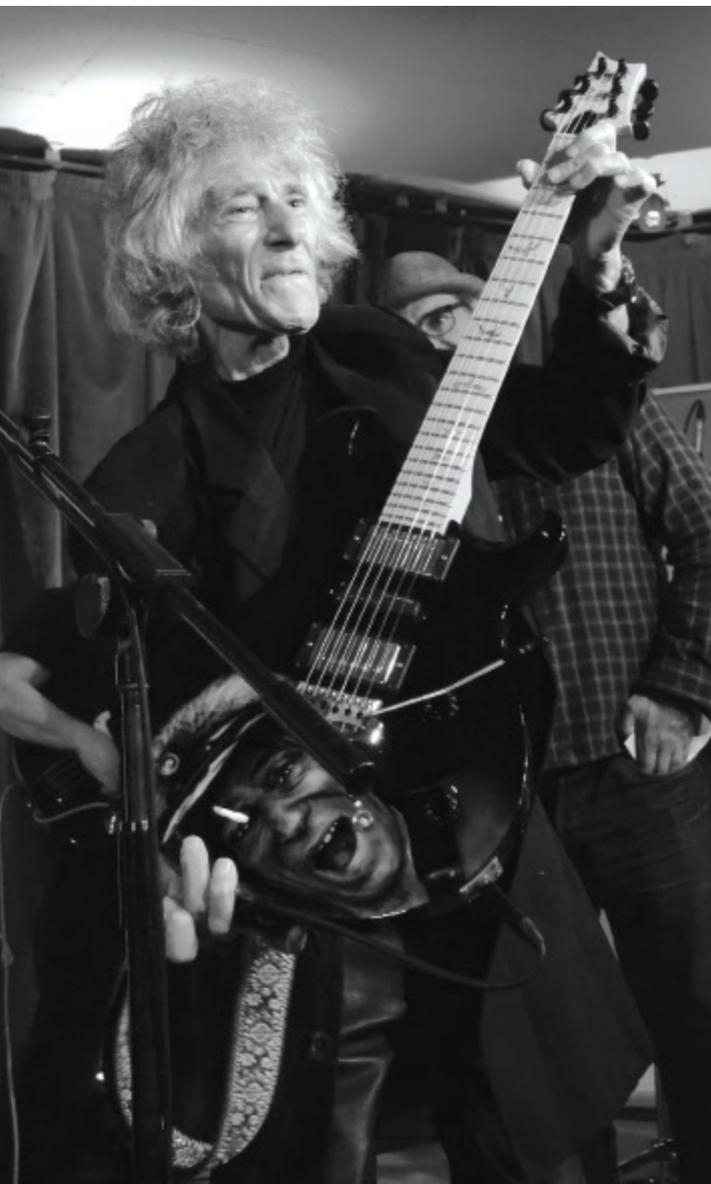
A SPA manifestou o seu pesar pelo falecimento de Altino do Tojal, beneficiário da cooperativa desde Abril de 1978 e seu cooperador desde Novembro desse ano. O escritor nasceu a 26 de Julho de 1939, em Braga, tendo-se tornado conhecido com o lançamento do livro de contos “Os Putos”. Publicado em 1964 sob o nome de “Sardinhas e Lua”, o livro foi reeditado em 1973 numa versão aumentada com o título “Os Putos”, atingindo 30 edições. Altino do Tojal, que foi também jornalista, morreu na Póvoa do Lanhoso a 15 de Julho, a poucos dias de completar 79 anos.



ANTÓNIO LOJA NEVES (1953-2018)

Jurado do Prémio Autores

O jornalista, escritor e realizador de cinema António Loja Neves morreu no passado dia 27 de Maio, aos 65 anos, em Lisboa, na sequência de um enfarte. Ainda foi, uma vez mais, um dos três jurados na categoria de Cinema do Prémio Autores 2018 da SPA, cuja Gala decorreu a 20 de Março, no CCB. Nascido na Madeira em 1953, António Loja Neves era jornalista do semanário Expresso há mais de 30 anos, tendo trabalhado também na área do cinema, em programação, realização, em festivais ou como júri. Foi ainda Prémio Revelação de Poesia da APE em 2001.



AUTOPUBLICAÇÃO

O que é?

A **Autopublicação** é uma plataforma disponibilizada pela Sociedade Portuguesa de Autores, em parceria com a Marka, que permite aos autores seus membros publicarem obras literárias em formato digital, consultar a situação de obras e relatórios de vendas.

Permite:



Publicar Obra	As minhas obras	Relatório de Vendas	Serviços	Dados Autor	FAQ
Publicar uma nova obra literária	Consultar as obras submetidas	Consultar o relatório mensal das vendas das suas obras			

Como aceder?

1. ACESSO AO PORTAL

Através do portal da SPA – <https://www.spautores.pt>, clicar no Portal dos Membros:



2. MENU AUTOPUBLICAÇÃO

Entrar na plataforma seleccionando o menu "Autopublicação":



3. INICIAR SESSÃO

Inserir os mesmos dados do Portal dos Membros:



4. PUBLICAR UMA OBRA

Dentro da plataforma, aceder ao menu "Publicar Obra"



5. PERSONALIZAÇÃO

O autor tem autonomia na criação dos conteúdos (sinopse, temática, biografia, preço venda, entre outros). A capa pode ser elaborada pelo autor ou escolhida uma imagem padrão pré-definida.



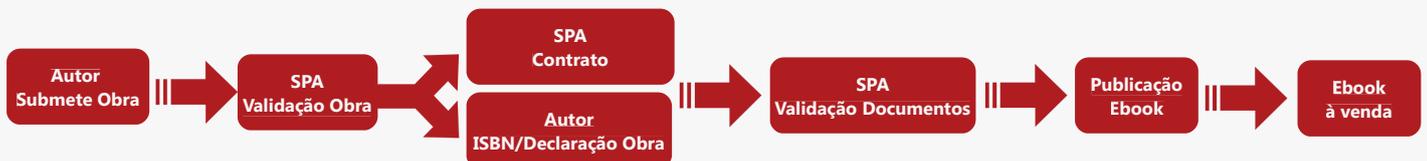
6. REQUISITOS NECESSÁRIOS

A publicação da obra literária digital requer:

- Ser membro da SPA
- Aceitação do Regulamento
- Declaração de obra
- Conteúdos em formato PDF/EPUB
- ISBN
- Contrato SPA



7. APROVAÇÃO DA OBRA



Onde Serão Vendidos?

Todos os ebooks publicados através desta plataforma ficarão disponíveis para venda na livraria digital da Sociedade Portuguesa de Autores (<http://ebooks.spautores.pt>).

“NA MINHA EMPRESA SÓ QUEREMOS O #1”

**MILLENNIUM, ELEITO O MELHOR
BANCO DAS EMPRESAS**

#1 INOVAÇÃO #1 PROXIMIDADE #1 EFICIÊNCIA

Fonte:

DATAE

Estudos, Consultoria e Gestão Empresarial, Lda.

Barómetro Financeiro 2018

MILLENNIUM. AQUI CONSIGO.



Millennium
bcp Empresas

www.millenniumbcp.pt